

50 ANIMAIS DO MUSEU

Alexandre Ferreira Righi
Flávia Santos Faria

50 ANOS
MUSEU DE
HISTÓRIA NATURAL
E JARDIM BOTÂNICO
DA UFMG 1969-2019





50 ANIMAIS DO MUSEU

Alexandre Ferreira Righi
Flávia Santos Faria

Sandra Regina Goulart Almeida
Reitora da UFMG

Alessandro Fernandes Moreira
Vice-Reitor da UFMG

Antônio Gilberto Costa
Direção do MHNJB

Flávia Santos Faria
Vice-Direção do MHNJB

Marco Antônio Mendef
Gerência do MHNJB

Andréia Pacheco Pereira Teixeira
Secretaria Administrativa do MHNJB

Mariana Dutra
Assessoria de Comunicação do MHNJB

Carla Cristina da Silva
Biblioteca do MHNJB

Coordenação Editorial
Flávia Santos Faria

Revisão de textos
Maria Isabel Gomes de Matos

Projeto Gráfico
Léo Godoy

Editoração
Gráfiön Estúdio Editorial

R571a Righi, Alexandre Ferreira.
50 animais do museu / Alexandre Ferreira Righi; Flávia Santos Faria. – Belo Horizonte: Copiart Gráfica Editora, 2019.
124 p. : il.

ISBN 978-85-62164-14-9

1. Animais silvestres – Brasil. 2. Animais silvestres – Minas Gerais. 3. Reservas naturais – Minas Gerais – 4. Conservação da natureza. 5. Zoologia - Brasil. I. Faria, Flávia Santos. II. Título.

CDU 502.742(81)

Índices para catálogo sistemático:

1. Reservas especiais de animais	502.742
2. Zoologia geral	591

Elaboração: Biblioteca do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG.

**Museu de História Natural e Jardim Botânico
da Universidade Federal de Minas Gerais**

Rua Gustavo da Silveira, 1035 | Santa Inês
Belo Horizonte | MG | CEP 31080-010
www.ufmg.br/mhnjb

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Regional de Biologia da 4ª Região,
pelo financiamento deste livro por meio do Edital PAPE
nº 01/2019 – Programa de Apoio a Publicações e Eventos;
aos fotógrafos, por permitirem a divulgação de suas imagens;
à Pró-Reitoria de Pesquisada UFMG, pelas bolsas de iniciação
científica para a Rede de Museus e Espaços de Ciência e Cultura,
e à Pró-Reitoria de Extensão da UFMG, pelas bolsas de extensão
que viabilizam a realização das visitas mediadas do Programa de
Educação Ambiental e Patrimonial do MHNJB

SUMÁRIO

Apresentação	6
Histórico da área do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG	8
O Museu e sua fauna silvestre.....	10
Ícones	14
 Piolho-de-cobra	16
 Abelha mamangava	18
 Borboleta-azul	20
 Borboleta-estaladeira.....	22
 Borboleta-helicônia	24
 Maria-boba.....	26
 Formiga-leão	28
 Aranha-armadeira	30
 Aranha-de-teia-dourada, néfila	32
 Carpa	34
 Guppy, barrigudinho.....	36
 Perereca-de-banheiro.....	38
 Rã-cachorro	40
 Sapo-martelo, sapo-ferreiro	42
 Boipeva, jararacuçu-tapete	44
 Cágado-de-barbicha	46
 Calango, lagartixa	48
 Calango-liso	50
 Cobra-do-lixo, cobra-da-terra.....	52
 Cobra-de-duas-cabeças, anfisbênia.....	54
 Falsa coral	56
 Lagarto, teiú, tiú	58
 Lagartinho-de-folhíço	60
 Alma-de-gato.....	62

■ Ariramba-de-cauda-ruiva	64
■ Beija-flor-tesoura-verde	66
■ Carcará	68
■ Choca-da-mata	70
■ Garça-cinzeira, Savacu	72
■ Gavião-carijó	74
■ Gralha-cancã.....	76
■ Jacu.....	78
■ João-de-barro	80
■ Maritaca, periquitão-maracanã.....	82
■ Martim-pescador-grande	84
■ Pica-pau-branco	86
■ Quero-quero.....	88
■ Sabiá-laranjeira.....	90
■ Saíra-de-chapéu-preto	92
■ Saíra-sete-cores	94
■ Saracura.....	96
■ Tucano-toco, tucanuçu	98
■ Trinca-ferro	100
■ Urubu-de-cabeça-preta	102
■ Caxinguelê, serelepe, esquilo	104
■ Cutia	106
■ Gambá-de-orelha-branca, saruê	108
■ Morcego	110
■ Mico-estrela	112
■ Macaco-prego	114
Glossário.....	116
Referências	119

APRESENTAÇÃO

A preservação e manutenção de espaços verdes é um dos desafios que se impõem aos grandes centros urbanos. Dentro dessa perspectiva, é instigante observar como o Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal de Minas Gerais – MHNJB/UFMG –, uma área de 600.000m² no meio de uma cidade como Belo Horizonte, ainda mantém uma biodiversidade tão rica.

Aberto à comunidade, o Museu estabelece uma ponte entre as pessoas e o meio ambiente, estimulando a sensibilidade em todos os seus aspectos e criando um elo para a preservação.

Essa cadeia de boas práticas ambientais acaba de ganhar mais um elemento com a edição desta obra, que resulta da experiência positiva de implementação de um programa de educação ambiental e manejo de fauna realizado pela equipe de biólogos do MHNJB.

Organizada de forma didática e com linguagem acessível – consciente da missão fundamental de levar divulgação científica ao maior número de pessoas –, a publicação “50 Animais do Museu” amplia a rede de informações sobre nossa fauna e permite ao leitor compreender a importância de conhecê-la e preservá-la.

Obras como esta, além de agregar conhecimento, servem também para que as pessoas desenvolvam uma sensação de pertencimento e se sintam, cada vez mais, parte da cidade e de suas áreas verdes.

Mais do que valiosas informações sobre características morfológicas ou comportamentos das 50 espécies retratadas, o livro evidencia a importância do esforço conjunto de profissionais, sociedade, universidade e entidades de classe no grande desafio de conciliar a conservação ambiental com o uso de espaços públicos.

Como um dos apoiadores deste projeto, por meio de seu Programa de Apoio a Publicações e Eventos, o Conselho Regional de Biologia

4ª Região muito se orgulha de poder contribuir para que trabalhos desenvolvidos com tal competência e zelo possam amplificar seu alcance e, com isso, fortalecer os esforços de valorização e preservação do meio ambiente.

Que este seja mais um instrumento a todos os profissionais que atuam em prol da conservação da nossa fauna e da nossa biodiversidade, de forma a garantir as cores e sons desses animais nos dias enoites da nossa cidade para as próximas gerações.

“50 Animais do Museu” é para todos os que amam a natureza, que amam o MHNJB e, sobretudo, para os que amam Belo Horizonte.

Gladstone Corrêa de Araújo



Rodrigo Quadros

HISTÓRICO DA ÁREA DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL E JARDIM BOTÂNICO DA UFMG

O Museu de História Natural e Jardim Botânico da Universidade Federal do Estado de Minas Gerais – MHNJB/UFMG – completou 50 anos em 12 de agosto de 2019. A instituição abriga um acervo museológico singular e configura valioso patrimônio natural, que contém uma das maiores áreas verdes de Belo Horizonte.

A **biodiversidade** ali encontrada, conforme se comprova pela rica composição de sua fauna, reflete os diferentes usos pelos quais passou aquele espaço, ao longo do tempo. Com efeito, a área hoje ocupada pelo MHNJB/UFMG consubstanciava, em fins do século XIX, uma propriedade rural, a Fazenda Boa Vista. Desapropriada no início do século XX pela comissão responsável pela construção da nova Capital, Belo Horizonte, foi ali instalado o Horto Florestal. Mas em 1912, com o objetivo de impulsionar as atividades agroindustriais, o governo estadual implantou no local uma Estação Experimental de Pesquisa Agropecuária, transformada, em 1953, no renomado Instituto Agrônomo, que alcançou reconhecimento internacional e muito contribuiu para o desenvolvimento de pesquisas agrônomicas e de práticas de agricultura em todo o Estado de Minas Gerais.

No final da década de 1960, as atividades do Instituto Agrônomo foram encerradas, tendo sido decidido que sua área seria dividida e doada a instituições sem conexão com a agricultura. Acontece que o então Presidente da República, Arthur da Costa e Silva, na mesma

época, assinara o Decreto nº 62.317, de 28 de fevereiro de 1968, determinando a reformulação da estrutura das universidades brasileiras. Constou das medidas aprovadas a criação de um Museu de História Natural e de um Jardim Botânico, como órgãos suplementares da UFMG. Diante disso, parte da área do Instituto Agrônômico foi entregue à UFMG, por meio de um Convênio de Comodato, firmado em 12 de agosto de 1969, com o Estado de Minas Gerais, formalizando-se a efetiva instalação do Museu de História Natural. Posteriormente, em 9 de novembro de 1972, por meio de outro Convênio de Comodato, este firmado com a Prefeitura de Belo Horizonte, foram anexados à área do Museu de História Natural 150.000 m² de mata nativa, destinados à implantação do Jardim Botânico. Em 1979, a área total do Museu, incluindo a área destinada ao Jardim Botânico, foi finalmente doada à UFMG.

Rodrigo Quadros



O MUSEU E SUA FAUNA SILVESTRE

A origem da fauna silvestre do Museu remonta à transferência de espécies do Colégio Universitário, situado na Pampulha nos anos de 1965 a 1968 (Abrás & Cardoso 2000).

Inicialmente, os primatas (macacos-prego, macacos-da-noite, macacos-barrigudos, micos-estrela) e outros mamíferos (quatis, preguiças, raposas, veados, cutias, capivaras, furões, esquilos) viviam em cativeiro. As aves (tucanos, sabiás, pássaros-preto, corujas, carcarás) eram mantidas em viveiros. Para os répteis (cobras e teiús), tem-se notícias da construção de um recinto nas proximidades das instalações do Presépio do Pípiripau. Gradativamente, parte da fauna foi solta, o que, além dos transtornos causados por macacos à vizinhança do Museu, culminou com o desaparecimento de algumas espécies, como veados e raposas.

Esse breve histórico explica a presença de algumas espécies que não ocorrem naturalmente na região. Atualmente, tanto as espécies introduzidas como aquelas de ocorrência natural encontram no MHNJB uma área de refúgio, reforçando a importância dessa área verde urbana para a conservação da fauna silvestre do município e sua conexão com outras áreas verdes de Belo Horizonte.

Neste livro, apresentamos uma amostra dessa fauna diversificada, observada no MHNJB, tanto nativa quanto introduzida na área. Para a difícil tarefa de escolher apenas 50 espécies, utilizamos como critérios a abundância ou a raridade, a beleza, a representatividade taxonômica ou o comportamento, tentando abranger vários grupos de animais, invertebrados e vertebrados. Apresentamos várias características morfológicas, tais como tamanho, peso, cor, bem como diferenças entre machos e fêmeas, quando existentes; informações

sobre o modo de vida, o que inclui o comportamento alimentar e reprodutivo; além de informações biogeográficas e bioecológicas, detalhando a distribuição das espécies e seu papel ecológico. Buscamos utilizar um vocabulário mais acessível, voltado para um público bem amplo, e, quando imprescindível a utilização de termos técnicos, os mesmos estão definidos no glossário. Cada descrição está acompanhada de ícones para uma informação rápida e visual sobre as principais características da espécie.

A identificação dos animais foi realizada no menor nível taxonômico possível. Quando identificados até o nível de espécie, seu nome científico surge escrito com base nos critérios da nomenclatura zoológica, que segue normas elaboradas por zoólogos e tem o objetivo de garantir que esse nome seja único e distinto, por isso é grafado em latim ou grego latinizado e vem acompanhado do nome do autor e da data de publicação da descoberta da espécie. Já os nomes populares são variáveis, regionais, e podem abranger espécies diferentes. Optamos, nesse caso, por adotar aqueles nomes mais utilizados no Estado de Minas Gerais ou aqueles empregados nas áreas de ocorrência mais próximas.

Para a produção dos textos, realizamos extensa pesquisa bibliográfica, sendo que, para os animais vertebrados, o volume de informações disponíveis foi maior, inclusive com estudos realizados sobre algumas espécies na própria área do Museu. Vale ressaltar que o Brasil é um país mega diverso e, apesar de existir boa quantidade de informações sobre a fauna brasileira, ainda há muito que descobrir, inclusive sobre as espécies mais comuns.

As imagens foram em parte autorais e, quando possível, registradas com espécimes do Museu. Não obstante, utilizamos também imagens das espécies em outros ambientes, com a colaboração de fotógrafos. As fotos foram selecionadas objetivando o maior detalhamento e a preservação estética, embora seja importante dizer que,

como a maior parte dos exemplares foi fotografada viva, isso representou uma dificuldade adicional para sua realização.

A fauna silvestre do Museu é bastante diversificada, entretanto, como é comum em outras áreas florestais brasileiras, é de difícil visualização. Esse comportamento dos animais é uma estratégia de sobrevivência, principalmente em áreas com constante circulação de pessoas e com algumas ameaças, como a presença de cães vadios. Ainda assim, incentivamos que os visitantes, em suas caminhadas pelas trilhas do Museu, atentem para a beleza dos animais que ali residem e observem o seu comportamento, suas características morfológicas e aprofundem o seu conhecimento sobre eles, em especial com o uso deste guia.

Esperamos, com esta publicação, dar mais visibilidade à biodiversidade do Museu, incentivar o desenvolvimento de projetos pedagógicos junto às escolas visitantes da instituição, bem como contribuir para a formação dos mediadores de visitas no MHNJB, enriquecendo suas narrativas com informações sobre a nossa fauna



ÍCONES

Com o objetivo de possibilitar uma informação rápida e visual sobre a espécie, cada descrição está acompanhada de ícones, posicionados próximos à margem esquerda da página, que informam as principais características como hábito alimentar, forma de desenvolvimento do embrião e o período de atividade do animal.

Os ícones relacionados ao hábito alimentar são aplicados conforme o hábito mais frequente do animal. Para aquelas espécies que possuem alguma particularidade, por exemplo, uma espécie que é carnívora, mas que eventualmente pode se alimentar de animais mortos, apresentamos os dois ícones relacionados a esses hábitos.

Em relação à forma de desenvolvimento do embrião, são apresentados dois ícones, um para cada tipo de desenvolvimento. Optamos pela simplificação e inclusão do modo ovovivíparo ao modo vivíparo, abordando somente o desenvolvimento interno e desconsiderando a forma de nutrição do embrião.

Quanto ao período de atividade do animal, são apresentados dois ícones, um para aqueles em atividade no período diurno e o outro para aqueles animais em atividade no período noturno. Para aqueles animais que podem estar ativos nos dois períodos, apresentamos os dois ícones.



HERBÍVORO



FRUGÍVORO



CARNÍVORO



PÓLEN



SEMENTES



INSETÍVORO



NECTARÍVORO



ONÍVORO



NECRÓFAGO



OVÍPARO



VIVÍPARO



DIURNO



NOTURNO

PIOLHO-DE-COBRA

Diplópode



O piolho-de-cobra é um **artrópode** que tem o corpo longo e segmentado, apresentando dois pares de pernas em cada segmento.



Seu nome popular é uma associação de seu longo corpo com suas pernas curtas, mas na realidade os piolhos-de-cobra não têm qualquer relação com as serpentes.



Há no mundo em torno de 10.000 espécies. Essa diversidade é refletida também em sua morfologia, existindo espécies cujos indivíduos possuem poucos segmentos e pernas, medindo poucos milímetros, bem como espécies grandes, que ultrapassam os 30 centímetros e possuem mais de 200 pernas.



A coloração dos piolhos-de-cobra é bastante variável. Podem ser totalmente negros ou cinzentos, ou ainda manchados com cores chamativas como amarelo e vermelho. Essas cores fortes servem de sinal de alerta, ou seja, são uma estratégia de defesa.

Quando incomodados, os piolhos-de-cobra enrolam-se para proteger a cabeça e as patas e, em seguida, liberam um líquido malcheiroso e algumas vezes tóxico. Apesar disso, são inofensivos para os seres humanos e não devem ser confundidos com as lacraias e centopeias que, além de possuírem somente um par de pernas por segmento, são também peçonhentas e capazes de efetuar uma ferroada bastante dolorosa. Diferentemente das predadoras lacraias, os piolhos-de-cobra são **herbívoros** e **detritívoros**, preferindo ambientes úmidos, vivendo no folhíço e se alimentando dele.

Alguns primatas têm o hábito de esfregar os piolhos-de-cobra em seus pelos, com o objetivo de afastar parasitas.



ABELHA MAMANGAVA

Nome científico: *Xylocopa (Neoxylocopa) frontalis* (Olivier, 1789)

Inseto Himenóptero



A mamangava, também conhecida como abelha carpinteira, é uma abelha de grande porte, com até 3,6 centímetros de comprimento.

Considerada a maior espécie de abelha do Brasil, é encontrada em quase todos os Estados do País.



A mamangava tem, em geral, comportamento solitário, isto é, cada fêmea, individualmente, constrói e cuida do seu próprio ninho. A fêmea morre antes de sua cria nascer, não havendo, portanto, contato entre as gerações. Percebe-se, assim, que o modo de vida de uma abelha solitária é bastante diferente daquele das abelhas sociais, que vivem em colmeias.



As fêmeas apresentam o dorso com coloração preta, às vezes com três ou quatro faixas **ferrugíneas** no abdômen, e asas negras com brilho azul escuro. Os machos apresentam coloração ferrugínea com pelos e asas amarelados, apenas com nervuras ferrugíneas, sem brilho azul.

As fêmeas **nidificam** escavando galerias em troncos de árvores mortas, galhos ou em qualquer tecido vegetal já relativamente seco, por meio de suas fortes mandíbulas, daí o nome popular de abelha carpinteira. Essas abelhas passam a vida visitando as flores para se alimentar de néctar e abastecer os ninhos com uma mistura de néctar, pólen ou óleos florais. Os ovos depositados nos ninhos dão origem às larvas, que se alimentam dessa mistura deixada pela genitora, transformando-se posteriormente em pupas e, por fim, em abelhas adultas. Esse ciclo dura cerca de 45 dias.

As mamangavas exercem importante função polinizadora para diversas espécies vegetais de flores grandes, tais como o maracujá-azedo e a castanha-do-pará.



BORBOLETA-AZUL

Nome científico: *Morpho* sp.

Inseto Lepidóptero



As borboletas do gênero *Morpho* são lepidópteros grandes, que podem ter até 15 centímetros de envergadura. Os adultos são **frugívoros**, alimentando-se de frutas já caídas e em processo de apodrecimento; suas larvas, entretanto, ingerem folhas das plantas.



Encontradas na maior parte da região **neotropical**, têm preferência por áreas de mata fechada e úmida, sendo encontradas em suas bordas e nas proximidades de cursos d'água, em trilhas e pequenas clareiras, especialmente no período chuvoso.



Existem ao menos 29 espécies de *Morpho* e diversas subespécies. Quase todas possuem um brilho azul metálico muito forte, especialmente quando vistas ao sol. Isso se deve não à presença de pigmento azul, mas à **difração** que ocorre nas escamas de suas asas quando estas são atingidas pela luz.

No MHNJB são encontradas duas espécies: *Morpho menelaus coeruleus* (Perry, 1810) e *Morpho helenor mielkei* (Blandin, 2007), as quais podem ser facilmente diferenciadas. Embora sejam basicamente do mesmo tamanho, a primeira apresenta as asas azuis, com uma faixa preta muito estreita na borda. Já na segunda, essa faixa preta é bem mais larga, acompanhada de muitas pintas brancas. Nela, a cor negra também ocorre próxima ao corpo, tornando o azul, portanto, restrito a uma larga faixa no meio de cada asa.

Seu voo é bastante rápido e caracterizado por movimentos pouco previsíveis, fazendo com que sejam menos suscetíveis à predação pelas aves.



Alphée Lima



Alphée Lima

BORBOLETA-ESTALADEIRA

Nome científico: *Hamadryas* sp.

Inseto Lepidóptero



Trata-se de um gênero de borboletas bem comum no Brasil. No MHB JB, são vistas frequentemente exibindo um voo rápido e de movimentos erráticos, em áreas abertas, como bordas de mata e clareiras, ou ainda sobre o tronco de árvores, pousadas de cabeça para baixo, com as asas abertas, sugando a seiva que escorre pelo caule e que, juntamente com os frutos, fazem parte de sua alimentação.



As borboletas desse gênero são bastante territorialistas e costumam voar sobre qualquer objeto que passe perto delas, desde folhas caindo até carros e pessoas. Além disso, durante o voo, os machos são capazes de emitir sons semelhantes a estalos, por isso seu nome popular.



No MHN JB, são encontradas quatro subespécies de estaladeiras, todas de tamanho médio, entre quatro e sete centímetros. Embora exibam uma variação grande de cores, o padrão de distribuição dos matizes é basicamente o mesmo. As borboletas da espécie *Hamadryas februa* (Hübner, 1823) exibem uma coloração totalmente camuflada, em tons de branco e cinza amarronzado. As da espécie *Hamadryas feronia* (Linnaeus, 1758) apresentam colorido bem similar, mas acrescido de alguns tons de azul. As estaladeiras de menor tamanho são as da espécie *Hamadryas amphinome* (Linnaeus, 1767), sendo basicamente de cor preta e azul brilhante, com uma faixa branca transversal sobre o primeiro par de asas. Apresentam também uma grande mancha vermelha na parte inferior das asas. As borboletas da espécie *Hamadryas laodamia* (Cramer, 1777) são bem parecidas com as da espécie anteriormente descrita, porém, além de serem maiores, com quase o dobro do tamanho, a cor azul é reduzida a pintas, o que dá a elas maior contraste. Na parte inferior das asas, o vermelho é reduzido a várias manchas pequenas.



Alexandre Ferreira Righi



Alexandre Ferreira Righi



BORBOLETA-HELICÔNIA

Nome científico: *Heliconius erato phyllis* (Fabricius, 1775)

Inseto Lepidóptero



A borboleta-helicônia apresenta tamanho médio, com cerca de sete centímetros de envergadura. Possui uma coloração bastante chamativa, **aposemática**, sendo a cor de fundo essencialmente negra, com uma larga faixa vermelha transversalmente disposta em cada uma das asas do primeiro par e faixas amarelas bem claras, quase brancas, longitudinais, nos dois pares. Essas faixas são mais estreitas que as vermelhas e quase imperceptíveis no primeiro par.



As helicônias aparecem em áreas florestais de todo o Brasil, sendo ativas durante o dia e por todo o ano. À noite, vários indivíduos se reúnem para dormir no mesmo local.



As adultas se alimentam de pólen e néctar e podem ser vistas em voo lento e baixo. Já suas larvas alimentam-se essencialmente de plantas da família do maracujá (Passifloraceae) e destas acumulam substâncias que as deixam com um gosto **impalatável** aos predadores.



Rafaela Lima

MARIA-BOBA

Nome científico: *Heliconius ethilla narcaea* (Godart, 1819)

Inseto Lepidóptero



A maria-boba pertence ao mesmo gênero da borboleta-helicônia (*Heliconius erato phyllis*) e apresenta muitas similaridades em relação a ela: mesmo tamanho, hábitos diurnos, ampla distribuição no Brasil e a mesma preferência alimentar por plantas da família do maracujá (Passifloraceae), sendo portanto também impalatável. Sua coloração de advertência é, entretanto, diferente e mais complexa que a da **congênera**.



Essas borboletas podem ser vistas, durante todo o ano, em áreas de mata, bem como em áreas mais abertas, como jardins, sempre em um voo lento e baixo, o que justifica seu nome popular. Suas asas apresentam um belo padrão de cores, resultante de uma combinação de faixas brancas, negras, amarelas e alaranjadas.



No MHNJB, esse padrão de cores pode ser visto em pelo menos outras quatro espécies de borboletas que não apresentam toxicidade. Nesses casos, a coloração não apresenta uma função aposemática, mas sim de **mimetismo**, pois embora não tenham gosto ruim, são evitadas por predadores por serem parecidas com as marias-bobas.



Agência Lupa

FORMIGA-LEÃO

Família: *Myrmeleontidae*

Inseto Neuróptero



A formiga-leão é um pequeno inseto que mede poucos centímetros. Há cerca de 2.000 espécies descritas.



Quando adulta, a formiga-leão é bastante parecida com uma libélula, com longas asas transparentes e enervadas, um longo abdômen e grandes olhos. Dependendo da espécie, pode atingir 15 centímetros de envergadura, mas normalmente fica bem menor que isso. A duração da vida adulta é curta, em geral menos de um mês, conquanto algumas espécies possam alcançar dois meses. Nesse período, alimenta-se pouco, algumas espécies ingerem pólen enquanto outras podem, até mesmo, nem se alimentar.



As formigas-leão recebem esse nome popular pela voracidade das larvas. Os ovos são postos pelas fêmeas adultas em bancos de areia. Ao nascer, as larvas constroem um funil de areia e se posicionam no centro, de forma a capturar outros insetos, especialmente formigas, que entram nessa armadilha e escorregam para o fundo, sendo apanhadas pela larva, a qual possui grandes mandíbulas. O crescimento das larvas é lento e variável, podendo durar cerca de dois anos, dependendo da espécie e da disponibilidade de alimento. As larvas tecem um casulo e depois entram no estágio de pupa. Ao final desse estágio, emergem os insetos adultos, que dão início a novo ciclo.

De vida noturna, são frequentemente atraídas pela luz. Quanto às armadilhas de funil construídas pelas larvas, ficam elas geralmente abrigadas das **intempéries**, sob arbustos, mas podem ser vistas no MHNJB em áreas abertas, especialmente nos períodos mais secos.



ARANHA-ARMADEIRA

Nome científico: *Phoneutria nigriventer* (Keyserling, 1891)

Aracnídeo



A aranha-armadeira ou simplesmente armadeira é uma aranha que atinge cerca de 15 centímetros. Sua coloração dorsal é marrom-acinzentada e pode apresentar algumas pintas pretas e manchas mais claras no abdômen, quando adulta. Ventralmente é marrom, com mancha negra no abdômen e cefalotórax, além de manchas pretas e brancas, intercaladas nas patas. As **quelíceras** podem apresentar uma coloração avermelhada.



Trata-se de espécie que ocorre nas regiões Sul, Sudeste e em alguns pontos do Centro-Oeste do Brasil, em áreas de Cerrado e Mata Atlântica, mas com alguma distância do litoral. Outras espécies do gênero e com o mesmo nome popular podem ser encontradas nas outras regiões do País.

As armadeiras são terrestres, noturnas, alimentam-se de vertebrados e invertebrados, têm facilidade de adaptação a áreas próximas a residências e não possuem o hábito de construir teias. Durante o dia, permanecem escondidas em meio a tijolos, debaixo de troncos ou de entulho. São agressivas e, quando ameaçadas, levantam seus dois primeiros pares de pernas, exibindo sua coloração chamativa. Caso isso não seja o suficiente, podem saltar e picar.

Essa espécie interessa à medicina, pois sua picada pode ter consequências potencialmente graves em humanos, especialmente em crianças e idosos.

A reprodução ocorre no período mais frio e seco do ano. Alguns meses depois da cópula, a fêmea bota ovos envolvidos em uma bolsa de teia, com o formato de um disco. Ela permanece então próxima

a essa bolsa de ovos, para defendê-la, até que nasçam os filhotes, no período chuvoso. A fêmea pode botar até 3.000 ovos de cada vez, realizando no máximo quatro **posturas** durante sua vida.

Alexandre Ferreira Righi



ARANHA-DE-TEIA-DOURADA, NÉFILA

Nome científico: *Nephila clavipes* (Linnaeus, 1767)

Aracnídeo



A néfila é uma aranha de grande porte, podendo as fêmeas alcançar o tamanho de cinco centímetros de corpo, cujas longas pernas, estendidas, podem chegar a 15 centímetros.



Essa espécie pode ser vista em quase todo o território brasileiro, em matas e em áreas urbanas, tendo preferência por ambientes mais úmidos.



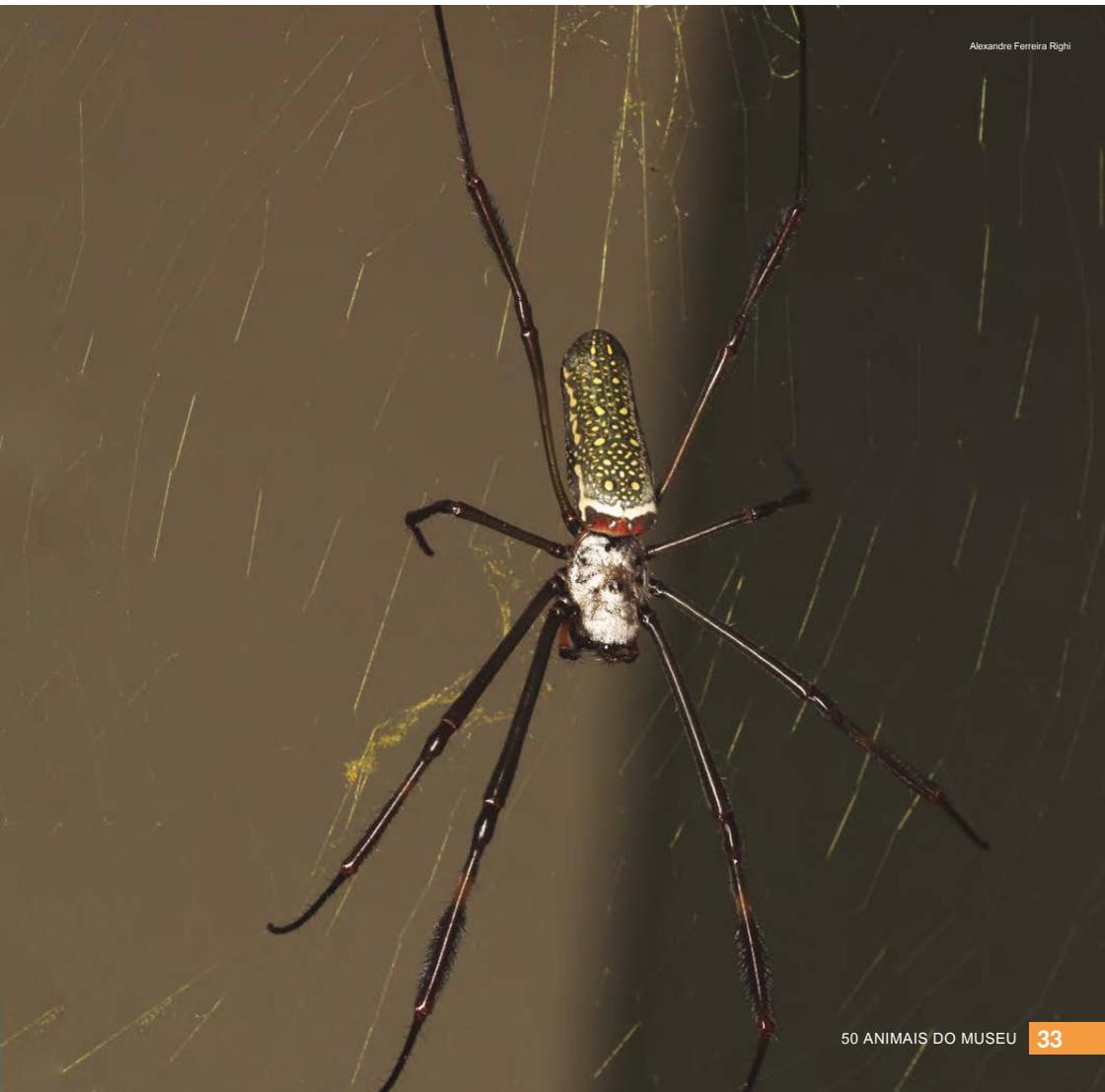
As néfilas têm o abdômen em forma de bastão, podendo ser amarelo, ornamentado com pequenos círculos brancos, ou preto, com círculos brancos e amarelos. As pernas apresentam uma coloração que intercala manchas negras e amareladas; já o cefalotórax é prateado. Os machos são muito menores que as fêmeas e menos vistosos, normalmente apresentando coloração amarronzada.

São de hábitos diurnos e constroem suas enormes **teias orbiculares** sobre a vegetação ou usando como apoio estruturas feitas pelo homem. Essas teias podem ter mais de um metro de diâmetro e são bastante resistentes. Quando iluminadas, refletem uma coloração dourada, característica que lhes atribui o nome popular.

Construídas pelas fêmeas, as teias são posicionadas de forma a capturar insetos voadores como borboletas, gafanhotos e moscas, sua principal alimentação, podendo chegar a sete metros de altura. Nas teias, quase imperceptíveis, ficam os machos, que competem entre si pelo alimento e também pela fêmea. O vencedor, normalmente o macho maior, é o que poderá copular com a fêmea e ter acesso à alimentação capturada por esta. Os outros machos permanecem nas áreas periféricas da teia e estão mais sujeitos à predação por outros animais. Eventualmente, os machos também são predados pela

fêmea. Após a cópula, a fêmea bota centenas de ovos dentro de um envoltório de teia e então morre. Os ovos se desenvolvem e os filhotes permanecem dentro do envoltório por seis a oito meses, até o próximo período chuvoso, quando então saem e o ciclo se reinicia.

Apesar de serem **peçonhentas**, as néfilas não apresentam risco às pessoas, pois sua picada é rara, devido à sua docilidade, e o seu veneno é pouco ativo no ser humano.



Alexandre Ferreira Righi

CARPA

Nome científico: *Cyprinus carpio* (Linnaeus, 1758)

Peixe



A carpa é uma espécie de peixe que pode atingir até 1,20 metro de comprimento e a pesar até 40 quilos, entretanto é encontrada mais habitualmente em tamanho bem menor, entre 30 e 60 centímetros de comprimento. Originalmente, apresenta uma coloração variável entre o amarelo, castanho e prateado, mas, devido à seleção artificial feita por humanos, podem ser observadas variações fortes de cores e suas combinações, como alaranjado, dourado, preto e branco. A carpa possui escamas grandes e grossas, e **barbilhões** próximos à boca.

Originárias da região compreendida pelas bacias que abastecem o Mar Aral, Mar Cáspio e Mar Negro, no encontro da Europa com a Ásia, atualmente as carpas podem ser vistas em quase todo o mundo, devido à sua procura para a ornamentação de lagos. Elas se adaptam bem em áreas de remansos e lagos, de água doce ou salobra, especialmente com boa vegetação.

São **onívoras**, alimentam-se de plantas e também de invertebrados que encontram no substrato. Em regiões tropicais, podem se reproduzir o ano todo. A fêmea adere seus ovos à vegetação ou a outros objetos submersos. Em um único ano, uma fêmea pode botar até um milhão de ovos.

Embora seja uma espécie que possa ser utilizada na alimentação humana, sua carne não é muito apreciada.



GUPPY, BARRIGUDINHO

Nome científico: *Poecilia reticulata* (Peter, 1859)

Peixe



O barrigudinho é um peixe bem pequeno, cujo comprimento não chega a cinco centímetros. A coloração dos indivíduos jovens e das fêmeas adultas é clara, meio prateada. Os machos adultos apresentam uma cor de fundo nesse mesmo tom, mas desenvolvem outras cores bastante chamativas – azul, verde, alaranjado e vermelho – tornando essa espécie bastante atrativa para o aquarismo.

O barrigudinho era encontrado originalmente em rios da América Central e do norte da América do Sul, e, no Brasil, somente na parte norte da Bacia Amazônica. Após a introdução acidental de indivíduos dessa espécie na natureza por pessoas que desistiram de tê-los em aquários, ou até mesmo por introduções intencionais como estratégia de controle de larvas de mosquitos causadores de doenças, esse peixe tornou-se uma espécie invasora, podendo ser encontrado em corpos d'água de quase todo o País, provavelmente competindo ou eliminando outras espécies nativas.

Os barrigudinhos alimentam-se de invertebrados, **zooplâncton** e algas, e se reproduzem o ano todo. Como se trata de uma espécie **vivípara**, as fêmeas **prenhes** ficam com o ventre bastante volumoso, o que lhes confere seu nome popular.



PERERECA-DE-BANHEIRO

Nome científico: *Scinax fuscovarius* (Lutz, 1925)

Anfíbio



A perereca-de-banheiro é uma espécie pequena, que mede em torno de cinco centímetros. É capaz de mudar de cor, podendo ser vista tanto em coloração clara, meio acinzentada, quanto marrom escura. O dorso apresenta pequenas manchas ainda mais escuras e nos **flancos** e na parte interna da coxa exibe um amarelo forte. É uma espécie bastante comum no Brasil.



Apresenta hábito noturno e arborícola. Seu ambiente natural são as áreas abertas, onde os machos vocalizam para as fêmeas, em arbustos e **touceiras**, na margem de lagos e brejos. Não obstante, tem enorme facilidade para se adaptar aos ambientes modificados pelo homem, especialmente residências, ocupando muito frequentemente banheiros em casas da zona rural ou na periferia das cidades. Lá, encontra um ambiente ideal, úmido e com abundância de alimento: os insetos atraídos pela luz.

Provavelmente se reproduz durante quase todo o ano, principalmente durante os meses mais quentes.



RÃ-CACHORRO

Nome científico: *Physalaemus cuvieri* (Fitzinger, 1826)

Anfíbio



A rã-cachorro é uma espécie pequena, normalmente atinge menos de quatro centímetros. Possui coloração bastante variada, passando pelo cinza claro, cinza escuro ou até mesmo marrom. Apresenta dorso manchado com essas tonalidades e uma mancha lateral, que se inicia estreita, quando próxima ao focinho, mas que vai se alargando até chegar aos flancos. É uma espécie bastante comum, inclusive em espaços antropizados, distribuindo-se por áreas abertas em quase todo o território brasileiro, com exceção da maior parte da Amazônia. É terrestre, tem hábitos noturnos e alimenta-se majoritariamente de pequenos insetos.

Reproduz-se no período chuvoso, em ambientes aquáticos, tanto perenes quanto temporários. O macho e a fêmea constroem um ninho de espuma na superfície da água, onde depositam seus ovos, que podem chegar a 700 por postura. Os girinos se desenvolvem rapidamente e podem passar pela metamorfose aos 45 dias. Seu nome popular é devido ao som que o macho emite para atrair as fêmeas, o qual seria semelhante a latidos.



SAPO-MARTELO, SAPO-FERREIRO

Nome científico: *Boana faber* (Wied-Neuwied, 1821)

Anfíbio



O sapo-martelo é na verdade uma espécie de perereca que pode atingir até 10 centímetros de comprimento. Sua coloração é variável e muda de cor, apresentando-se desde o marrom escuro até uma cor creme, quase branca. Pode possuir uma linha dorsal escura, do focinho até o meio do corpo. Espécie comum no Brasil, distribuiu-se do Nordeste ao Sul do País e é particularmente abundante em áreas **antropizadas** da região da Mata Atlântica. É arborícola e alimenta-se de invertebrados e também de pequenos anfíbios.



No período chuvoso, época em que se reproduzem, os sapos reúnem-se em torno de açudes e lagoas. Nas suas margens, os machos constroem ninhos no barro, semelhantes a panelas. Como são animais territorialistas, podem entrar em luta corporal para defender seu espaço.

No período de reprodução, vocalizam para atrair as fêmeas, que irão avaliar o macho pelo ninho que foi construído. Caso a fêmea aprove o macho, ocorrerá a cópula e serão postos no ninho geralmente entre 3.000 e 4.000 ovos. Após o nascimento dos girinos, estes permanecerão no corpo d'água até a próxima temporada.

Seu nome popular origina-se da semelhança entre seu coaxado e o som de um martelo batendo em uma bigorna.



BOIPEVA, JARARACUÇU-TAPETE

Nome científico: *Xenodon merremii* (Wagler, 1824)

Réptil



A boipeva é uma serpente de médio porte, robusta, cujo comprimento é em geral de um metro, podendo chegar a 1,50 metro. É uma serpente bastante polimórfica, isto é, pode apresentar inúmeros padrões de coloração.

As boipevas podem ser uniformemente coloridas de amarelo, laranja, vermelho, marrom ou preto, mas seu padrão mais característico, parecido com o das jararacas, é composto por manchas laterais escuras, semelhantes a triângulos, margeadas de branco, sobre um fundo castanho.

No Brasil, são encontradas nas formações abertas ao sul da Amazônia. São diurnas, terrícolas e habitam áreas próximas a brejos, onde procuram por anfíbios, especialmente sapos do gênero *Rhinella*. Como os sapos costumam inflar os pulmões e aumentar de tamanho para dificultar a sua predação, os dentes do fundo da boca da boipeva são maiores que os outros dentes e servem para furar os pulmões dos sapos, esvaziando-os. Possuem saliva provavelmente tóxica, mas que não causa acidentes com gravidade em humanos. Apesar disso, quando confrontadas, são muito agressivas e podem achatam parte do corpo, abrir a boca, dar botes e morder, até que encontrem uma chance para fugir.

São ovíparas e, dependendo da região, podem se reproduzir o ano todo, botando cerca de 50 ovos.



CÁGADO-DE-BARBICHA

Nome científico: *Phrynops geoffroanus* (Schweigger, 1812)

Réptil



O cágado-de-barbicha é uma espécie que se distribui por rios, riachos e lagos de todas as bacias hidrográficas brasileiras. Devido a essa ampla distribuição, há uma variação muito grande de características entre as populações. Na bacia do Rio São Francisco, a carapaça desses animais pode atingir até 35 centímetros de comprimento. A carapaça é marrom e o **plastrão** é, em geral, claro, com manchas pretas e alaranjadas. A cabeça é verde-oliva, com duas linhas pretas que partem da região **rostral**, atravessam a região dos olhos e continuam no pescoço, que é bastante longo. Às vezes, veem-se outras manchas pretas na cabeça. Na parte ventral da cabeça, abaixo da mandíbula, a coloração é mais clara. Ali aparecem duas estruturas brancas, as barbichas ou **barbelas**, de função desconhecida e que lhe confere o nome popular.

Os cágados-de-barbicha são diurnos e heliófilos, podendo ser facilmente encontrados tomando sol em troncos acima da superfície da água ou nadando à procura de alimento.

Ovíparos, podem botar até 30 ovos esféricos em ninhos de até 20 centímetros de profundidade. Podem se reproduzir em qualquer época do ano e realizar até quatro posturas por temporada. A incubação dos ovos pode durar até cinco meses e, diferentemente da maioria dos **testudíneos**, o sexo do filhote é determinado geneticamente e não pela temperatura do ninho.



CALANGO, LAGARTIXA

Nome científico: *Tropidurus torquatus* (Wied-Neuwied, 1820)

Réptil



O calango é um lagarto que possui tamanho médio, com comprimento geralmente entre 20 e 30 centímetros, sendo os machos normalmente maiores que as fêmeas. A coloração do dorso é escura, com muitas manchas pequenas e de cores bastante variáveis. O ventre é claro, mas nos machos algumas manchas no pescoço e na coxa se desenvolvem e vão escurecendo com a idade, até que se tornam negras.



Apresenta ampla distribuição no território brasileiro, desde o sul da Amazônia, sendo abundante em vegetações abertas em regiões de Cerrado e Mata Atlântica, inclusive dentro de áreas urbanas.



É uma espécie diurna e heliófila, isto é, pode ser observado ativo durante o dia e gosta particularmente de tomar banho de sol. No MHNJB, pode ser encontrado especialmente próximo a muros, pedras, árvores ou em deslocamento pelo chão.

Os calangos são vistos sempre fazendo movimentos com a cabeça, exibindo-se para predadores e outros indivíduos da mesma espécie. Esse comportamento serve para mostrar ao observador que estão com ótimo vigor físico, de forma a desestimular a luta por território com outros indivíduos da mesma espécie ou para mostrar ao predador que são capazes de fugir e que não vale a tentativa de atacá-los. Quando confrontados pelo predador, deslocam-se agilmente, tentando manter uma distância segura do mesmo. Entretanto, quando perseguidos, correm de forma bastante veloz e procuram abrigar-se em buracos e fendas apertadas. Graças às suas escamas, que lhes conferem uma textura de aspereza na pele, é difícil removê-los dessas fendas.

A alimentação desses lagartos pode ser considerada generalista e oportunista. Normalmente não buscam ativamente por alimento,

apenas ficam parados e comem o que é visto por perto. A sua dieta consiste de uma quantidade enorme de itens, desde vegetais a pequenos vertebrados, mas é composta basicamente por insetos como formigas e cupins.

Dependendo da região em que são encontrados, podem se reproduzir o ano todo ou na estação chuvosa. São ovíparos e botam até 10 ovos, que são postos em cavidades no solo. Os ovos são incubados com o calor do substrato, demorando alguns meses até a eclosão dos filhotes, os quais, ao nascerem, já são independentes dos pais.

Alexandre Ferreira Righi



CALANGO-LISO

Nome científico: *Notomabuya frenata* (Cope, 1862)

Réptil



O calango-liso é um pequeno lagarto que atinge cerca de 15 centímetros. Seus membros são razoavelmente curtos e o corpo é pouco alongado e meio roliço. É totalmente coberto por escamas lisas, o que lhe confere um aspecto bem lustroso. Vem daí o seu nome popular. O dorso é acastanhado, a lateral do corpo apresenta uma listra escura e o ventre é claro.

A espécie tem ampla distribuição no país, em vários ecossistemas, especialmente no Cerrado, mas aparece normalmente em áreas com cobertura arbórea, embora não tenha frequentemente um comportamento arborícola. Apresenta hábito diurno e **forrageia** principalmente no solo e em afloramentos rochosos. É generalista e alimenta-se de uma grande variedade de artrópodes e de pequenos vertebrados, ocorrendo, inclusive, registros de predação de filhotes por indivíduos da própria espécie. É vivíparo e dá à luz, na segunda metade do ano, uma ninhada de aproximadamente seis filhotes.

No MHNJB, é de difícil visualização. Gosta de se aquecer ao sol em áreas antropizadas, mas se esconde em meio à vegetação ao menor sinal de predadores ou visitantes.



COBRA-DO-LIXO, COBRA-DA-TERRA

Nome científico: *Atractus pantostictus* (Fernandes & Puerto, 1993)

Réptil



A cobra-do-lixo é uma serpente pequena, que pode chegar a 50 centímetros, sendo comumente menor que isso. A coloração é variável, entre o vermelho e o marrom escuro, com pintas e manchas pequenas e escuras que não formam nenhum padrão.



A espécie ocorre em áreas de mata nos Estados do Sudeste e Centro-Oeste do Brasil.



Devido a seus hábitos noturnos, **criptozoicos** e **fossoriais**, as cobras-do-lixo são dificilmente observadas e estudadas, sendo mais encontradas durante o período chuvoso, tanto por ser a época reprodutiva, em que os animais estão mais ativos, como por serem levadas à superfície pelo encharcamento do solo. As cobras-do-lixo são inofensivas para os seres humanos, alimentando-se quase que exclusivamente de minhocas. São ovíparas e podem botar até quatro ovos, bem grandes em relação ao seu tamanho.



COBRA-DE-DUAS-CABEÇAS, ANFISBÊNIA

Nome científico: *Amphisbaena alba* (Linnaeus, 1758)

Réptil



Ao contrário do que seu nome popular leva a acreditar, a cobra-de-duas-cabeças não é uma serpente. Na verdade, é um anfisbenídeo, espécie que, juntamente com os lagartos e as verdadeiras serpentes, integram a ordem dos Squamata – ordem dos répteis escamados. Ela também, obviamente, não possui duas cabeças. Sua cauda é arredondada e semelhante à cabeça. Quando atacada por um predador, costuma levantar a cauda de forma a atrair o ataque do predador para ela, deixando a cabeça livre para contra-atacar a mordidas, que apesar de não serem peçonhentas, podem fazer um bom estrago.

É uma espécie de ampla distribuição no Brasil, especialmente ao sul da Amazônia. O seu corpo é robusto, atinge aproximadamente 80 centímetros e não possui patas. O dorso tem coloração creme-amarelada e o ventre é branco. Seus olhos são **vestigiais** e sua visão é péssima, entretanto utiliza a língua para capturar partículas do ar, assim como outros répteis, o que lhe confere um bom olfato.

As cobras-de-duas-cabeças apresentam hábito fossorial, vivendo, portanto, sob o folhiço ou enterradas, o que as torna extremamente difíceis de serem vistas. São mais facilmente observadas após as chuvas, que inundam suas galerias, forçando-as a ir para a superfície.

Alimentam-se de uma grande quantidade de invertebrados e também de pequenos vertebrados. São ovíparas e é comum que realizem a postura dentro de formigueiros de saúvas.



FALSA CORAL

Nome científico: *Oxyrhopus guibei* (Hoge & Romano, 1977)

Réptil



A falsa-coral é uma serpente de médio porte, que chega a medir cerca de 1,20 metro de comprimento. Seu corpo é adornado com anéis vermelhos, brancos e pretos, formando tríades que não se completam na maior parte do ventre, mas podem se completar especialmente no último terço do corpo. O restante do ventre é branco.



Sua distribuição abrange grande parte do território nacional, ocorrendo nos Estados de Minas Gerais, Mato Grosso, São Paulo e Ceará, em áreas abertas, próximas a matas.

Essas serpentes possuem hábitos crepusculares e terrestres. Predam lagartos, principalmente quando jovens, e roedores, quando adultas, matando suas presas por constrição. Podem se reproduzir o ano todo, mas a reprodução é concentrada no final da estação seca e início da estação chuvosa, botando em média 11 ovos. Podem ser confundidas com as corais verdadeiras do gênero *Micrurus*, portanto, é sempre recomendável que seja mantida uma distância de segurança desses animais, até porque são peçonhentos. O seu veneno não é nem de perto tão forte quanto o veneno das cobras corais verdadeiras e seus efeitos nos seres humanos são pouco estudados, até o momento.



LAGARTO, TEIÚ, TIÚ

Nome científico: *Salvator merianae* (Duméril & Bibron, 1839)

Réptil



O teiú é um dos maiores lagartos do Brasil e pode chegar até a 1,20 metro de comprimento e a quase 5 quilos. Seu corpo é muito robusto e os membros são fortes. A coloração é normalmente rajada de preto e branco ou amarelo. É sempre visto checando o ambiente com sua **língua bífida**.



Aparece na maior parte do País e em todos os ecossistemas, mas é mais associado a ambientes abertos. Possui hábito diurno, terrestre, sendo facilmente visto próximo a locais antropizados. Sua alimentação é onívora: alimenta-se de frutas, artrópodes, pequenos vertebrados e seus ovos, sendo inclusive famoso por adentrar galinheiros e atacar a criação. É ativo nos horários mais quentes do dia, como no final da manhã e à tarde, especialmente nos meses mais quentes e chuvosos, como novembro e dezembro. Nos meses frios, permanece em sua toca em estado de dormência ou inatividade.

É ovíparo e pode botar até quase 50 ovos, dependendo do tamanho da fêmea, que realiza a ovoposição em longos buracos no solo, protegendo o ninho até o nascimento dos filhotes.



LAGARTINHO-DE-FOLHIÇO

Nome científico: *Ecleopus gaudichaudii* (Duméril & Bibron, 1839)

Réptil



O lagartinho-de-folhiço é um lagarto pequeno que apresenta o corpo alongado e os membros curtos. Pode atingir o máximo de 12 centímetros de comprimento, sendo que 2/3 do seu tamanho correspondem à sua longa cauda.



O ventre é claro e meio rosado; o dorso é marrom escuro, o que o auxilia na camuflagem. Assim como outros lagartos da família dos **gimnoftalmídeos**, à qual pertence, apresenta uma pálpebra transparente, que é a característica que dá nome ao grupo.



Os lagartinhos-de-folhiço vivem em meio às folhas caídas no solo em áreas de Mata Atlântica do Sudeste e Sul do Brasil e alimentam-se de minúsculos artrópodes. Botam um ovo por vez, normalmente no período chuvoso.

No MHNJB, podem ser encontrados na mata, em áreas sombreadas, mas, embora sejam abundantes, sua visualização é bastante difícil. São de locomoção ágil em meio às folhas e, caso consigam se esconder, dificilmente serão vistos novamente.



ALMA-DE-GATO

Nome científico: *Piaya cayana* (Linnaeus, 1766)

Ave



A alma-de-gato é uma ave de porte médio, apresenta uma longa cauda e pode atingir 50 centímetros de comprimento. Sua coloração é amarronzada, mais acobreada, com a região da garganta rosada e o peito cinza. As penas de sua cauda são bem mais escuras ventralmente, com uma mancha branca na ponta. A íris é vermelha.



Essas aves são encontradas em todo Brasil, em todos os ecossistemas. Gostam de áreas bem arborizadas, uma vez que se alimentam de pequenos vertebrados e insetos, especialmente de suas larvas. Podem ingerir frutos também.

Têm hábito diurno e forrageiam sozinhas ou aos pares, pulando com destreza entre os galhos. São excelentes **planadoras**, utilizando a longa cauda para essa finalidade.

Sua reprodução ocorre na primavera. O ninho, onde são postos em torno de seis ovos, é construído em meio à vegetação. Os pais se revezam na incubação, que é breve, em torno de duas semanas. O cuidado com os filhotes também é responsabilidade do casal e dura mais três semanas.



ARIRAMBA-DE-CAUDA-RUIVA

Nome científico: *Galbula ruficauda* (Cuvier, 1816)

Ave



A ariramba-de-cauda-ruiva é uma ave que pode atingir 25 centímetros de comprimento e cerca de 30 gramas. Possui a cabeça, o peito e o dorso, incluindo as asas, verde-metálicos. O ventre, a face ventral das asas e a cauda são cor de ferrugem, bem como a região da garganta das fêmeas. Nos machos, a região da garganta é branca e o bico é negro.

A ariramba-de-cauda-ruiva lembra bastante um beija-flor, inclusive recebendo esse nome popular em algumas localidades, entretanto se trata de animais de grupos totalmente diferentes.

Diurna, após selecionar um local de caça, em geral um galho a poucos metros de altura, ali pousa e aguarda pela passagem de insetos, que são capturados em pleno voo, com seu longo bico. Em seguida, retorna ao galho, no mesmo ponto onde estava.

Essas aves são encontradas na maior parte do País, mas é incomum sua presença na região Sul.

Vivem em casais e a fêmea bota até quatro ovos em túneis feitos em barrancos, cupinzeiros ou árvores. O casal é responsável pela incubação e pelo cuidado dos filhotes, inclusive por um tempo após deixarem o ninho.



BEIJA-FLOR-TESOURA-VERDE

Nome científico: *Thalurania furcata* (Gmelin, 1788)

Ave



O beija-flor-tesoura-verde é uma bela ave, com menos de 10 centímetros de comprimento, cujo macho exibe uma vistosa coloração verde metálica, na cabeça e pescoço, e azul-violeta metálica, no peito e ventre. As asas e a cauda exibem as mesmas cores e brilho, mas de forma menos chamativa, por serem mais escuras. Já a fêmea possui a coloração verde metálica no plano dorsal e ventralmente é acinzentada.

Embora sua área de distribuição no Brasil seja muito ampla, é mais comum no interior do País, distante do litoral.

O beija-flor-tesoura-verde gosta de viver no sub-bosque, onde tem uma vida solitária, sendo bastante agressivo na defesa de seu território. Alimenta-se não somente do néctar que encontra nas flores como também de insetos e aracnídeos. Utiliza teias de aranhas para a construção de seu pequeno ninho, no qual bota dois ovos. Os filhotes deixam o ninho ainda no primeiro mês de vida.

Por estar sempre visitando as flores, à procura de alimento, esta ave desempenha importante papel na polinização.



CARCARÁ

Nome científico: *Caracara plancus* (Miller, 1777)

Ave



O carcará é uma grande ave de rapina, que pode atingir até 60 centímetros de altura, 1,20 metro de envergadura e pesar quase um quilo.



A coloração de suas penas no pescoço é branca. Essa cor pode se estender ao dorso e ao ventre, havendo uma mistura de penas brancas e penas amarronzadas ou negras, até que haja somente penas escuras no restante do corpo e asas. Na parte ventral da asa, há penas brancas; já o alto da cabeça é coberto por penas negras. O bico é vermelho ou alaranjado, com a ponta cinza-azulada. As patas são amarelas ou acinzentadas.



É uma ave de ampla distribuição no Brasil, sendo encontrada em quase todos os Estados, com exceção do extremo norte da Amazônia.

Possui hábito diurno, generalista e oportunista. Pode ser vista sozinha, aos pares ou em grupos. Alimenta-se de carniça, restos de alimentos, pequenos invertebrados que caça, tais como minhocas, caramujos, crustáceos. Come também sementes. Pode atacar filhotes recém-nascidos de aves e mamíferos ou tomar o alimento capturado por outras aves.

Frequentemente acompanha atividades agrícolas humanas, com a intenção de apanhar animais que delas fogem, e também permanece em torno de incêndios florestais, com o mesmo objetivo.

Constroem um grande ninho no qual depositam dois ou três ovos, os quais são incubados e cuidados pelo macho e pela fêmea. O período de incubação é, em média, de quatro semanas.



CHOCA-DA-MATA

Nome científico: *Thamnophilus caerulescens* (Vieillot, 1816)

Ave



A choca-da-mata é um pequeno pássaro que mede em torno dos 15 centímetros e pesa pouco mais de 20 gramas. Tem uma coloração incrivelmente variável, às vezes acinzentada, outras vezes mais acastanhada, alaranjada, amarelada ou até mesmo negra. Certos indivíduos mais claros podem ter às vezes uma mancha negra no topo da cabeça; outros têm a cabeça inteiramente negra. Nas asas e na cauda, exibem um contraste de negro e branco que, na maioria das vezes, se destaca bastante da coloração do resto do corpo.

Embora a espécie já tenha sido encontrada em alguns Estados do Nordeste e do Centro-Oeste, é particularmente mais comum no Sudeste e Sul do Brasil.

Como seu próprio nome sugere, é frequentadora de áreas florestais ou muito arborizadas, vivendo aos pares no sub-bosque e saltando entre os galhos à procura de alimentos, como insetos e frutos. O casal constrói ninhos em forquilhas de árvores, utilizando gravetos. Em geral, são dois filhotes por vez, que são alimentados tanto pelo macho como pela fêmea.



GARÇA-CINZENTA, SAVACU

Nome científico: *Nycticorax nycticorax* (Linnaeus, 1758)

Ave



A garça-cinzenta pode atingir até 60 centímetros de comprimento. Apresenta uma coloração cinza bem escura, quase azulada, no alto da cabeça, nuca e dorso. O restante do corpo é cinza mais claro e a região da garganta é branca. Apresenta duas ou três longas penas brancas que saem de trás da cabeça. Os pés são amarelados e compridos. O bico é escuro e a íris vermelha.



É uma ave bem comum no Brasil e pode ser encontrada em todos os Estados do País.

De hábito especialmente noturno, inicia sua atividade ao entardecer. É aquática e solitária, permanecendo parada na beira de lagos e brejos, à espera de qualquer animal que possa capturar, como peixes, cobras e anuros.

Durante a época chuvosa, vários casais se reúnem para nidificar no alto de árvores. O casal se reveza na construção do ninho e na incubação dos ovos, que dura entre três e quatro semanas. Nascem até cinco filhotes, que permanecem sob os cuidados dos pais até que abandonam o ninho, por volta do segundo mês de vida.



GAVIÃO-CARIJÓ

Nome científico: *Rupornis magnirostris* (Gmelin, 1788)

Ave



O gavião-carijó é uma ave de rapina mediana. As fêmeas, maiores que os machos, podem atingir 40 centímetros de comprimento e podem pesar 350 gramas. A coloração é bastante variável. O dorso, bem como a cabeça e a face dorsal das asas, tende a ser cinza ou marrom-acinzentado. O ventre e as pernas exibem uma combinação de marrom e branco, composta por penas brancas e penas marrons em uma proporção variável, dependendo do indivíduo. A face ventral das asas e a cauda exibem as mesmas cores, mas em faixas alternadas na mesma pena. O bico é amarelo com a extremidade negra. Os pés e a íris também são amarelos.

É um predador diurno e hábil, que pode ser visto em todo o Brasil, alimentando-se de animais menores, desde vertebrados a insetos. Tem boa adaptação a ambientes urbanos, desempenhando um importante papel no controle de pragas como ratos e pombos.

Durante o período reprodutivo, o casal constrói um grande ninho, geralmente em alguma árvore alta. Nele são depositados dois ovos, que são incubados pela fêmea durante um mês, tempo em que é alimentada pelo macho. Durante o período reprodutivo, o casal torna-se extremamente agressivo e ataca qualquer animal ou humano que se aproxime do ninho.



GRALHA-CANCÃ

Nome científico: *Cyanocorax cyanopogon* (Wied, 1821)

Ave



A gralha-cancã é um pássaro grande e muito belo, possuindo uma coloração que contrasta o negro encontrado na cabeça, pescoço, dorso, **rêmige** e meio das **rectrizes** com o branco do peito, ventre, nuca e ponta das rectrizes, bem como da parte ventral das asas. A íris é bem amarela, com manchas azuis acima e abaixo dos olhos. Um brilho azulado pode ser, por vezes, visto também na nuca branca.



É uma espécie comum no Sudeste, Centro-Oeste e Nordeste do Brasil, especialmente em áreas de Cerrado, Caatinga e Mata Atlântica.

Essas gralhas vivem em grupos e são territorialistas, defendendo seu espaço contra outros grupos. São diurnas e forrageiam tanto em árvores mais baixas quanto no chão. Bastante inteligentes, alimentam-se de insetos, aracnídeos e pequenos vertebrados, incluindo algumas vezes até mesmo outras aves. Alimentam-se também de frutos e sementes, sendo boas dispersoras destas, já que costumam guardar o alimento para depois. Constroem seu ninho no alto de árvores e nele botam em torno de três ovos, que serão incubados por quase três semanas.



JACU

Nome científico: *Penelope obscura* (Temminck, 1815)

Ave



O jacu é uma ave grande, que pode ultrapassar os 70 centímetros de comprimento e pesar até um quilo. A sua coloração é bem escura, exibindo tons negros e amarronzados, sendo que algumas penas, especialmente no peito, têm margens mais claras. Possui a íris vermelha e a região frontal mais acinzentada ou prateada. Uma barba vermelha, sem penas, pode ser vista no pescoço, pouco abaixo do bico.

Os jacus são encontrados no Sul e no Sudeste do Brasil, especialmente em regiões de Mata Atlântica. Têm preferência por ambientes de mata fechada, embora possam ser vistos forrageando em áreas mais abertas. Apresentam hábito diurno e, embora se alimentem também de insetos, são principalmente frugívoros.

Vivem normalmente em bandos e reproduzem-se no período chuvoso. O casal é monogâmico e constrói o ninho em meio à vegetação arbórea ou no chão. Já foi observado que podem aproveitar o ninho de outras aves. Podem botar três ovos, que demoram até quatro semanas para eclodir.

No MHNJB, é provavelmente a ave mais facilmente vista. Pode ser frequentemente observada alimentando-se de pitangas caídas da árvore ou colhendo-as na pitangueira.



JOÃO-DE-BARRO

Nome científico: *Furnarius rufus* (Gmelin, 1788)

Ave



O João-de-barro é um pássaro que mede 20 centímetros de comprimento e pesa cerca de 50 gramas. Sua coloração é pardacento-avermelhada e em alguns indivíduos o ventre é mais claro que o dorso, às vezes quase branco na região da garganta. Forrageia no chão durante o dia, normalmente aos pares, e alimenta-se preferencialmente de artrópodes e outros invertebrados, mas pode, eventualmente, comer frutos.

A área de distribuição do João-de-barro no Brasil é ampla, aparecendo em abundância nas regiões Sul, Sudeste e Centro-Oeste. No Nordeste, somente não é encontrado na parte mais ao norte. Na Região Norte, aparece somente no Estado do Pará, onde sua presença tem acompanhado o avanço do desmatamento, por preferir áreas mais abertas, com menos vegetação arbórea.

O João-de-barro é conhecido por esse nome devido ao comportamento de construir um ninho de barro, semelhante a um forno. O casal se reveza na construção do ninho, utilizando também esterco e fibras vegetais. O processo pode durar até um mês. O ninho deve ser construído em um local resistente devido ao seu peso e não é incomum observar ninhos feitos sobre outros ou ao lado de um mais antigo. São postos três a quatro ovos, que são incubados por um período compreendido entre duas a três semanas.



MARITACA, PERIQUITÃO-MARACANÃ

Nome científico: *Psittacara leucophthalmus* (Muller, 1776)

Ave



A maritaca é um **psitacídeo** médio, com 30 centímetros de comprimento e menos de 200 gramas de peso. Sua plumagem é quase que exclusivamente verde, exibindo também penas negras, amarelas e vermelhas nas asas. Algumas penas vermelhas podem aparecer ou não aleatoriamente no corpo, especialmente no pescoço. Ao redor dos olhos, há ausência de penas, formando-se um anel branco. A íris é alaranjada, os pés são acinzentados e o bico curvo apresenta uma coloração clara, meio amarelada.



É uma espécie que aparece em quase todo o País, com exceção de alguns Estados do Nordeste.

As maritacas vivem em florestas, contudo têm boa adaptação a ambientes com alteração humana, inclusive dentro de cidades. Alimentam-se de frutos e sementes, que descascam e quebram utilizando seu forte bico. De hábitos diurnos, podem ser vistas aos pares ou em grupos, às vezes bem numerosos.

Para a reprodução, o casal escolhe ocos de árvores, buracos em paredões ou até mesmo espaços sob telhados, onde depositam os ovos, geralmente quatro, sem a construção de um ninho. O período de incubação dura entre três e quatro semanas.



MARTIM-PESCADOR-GRANDE

Nome científico: *Megasceryle torquata* (Linnaeus, 1766)

Ave



O martim-pescador-grande é uma ave de tamanho médio que pode chegar aos 40 centímetros de comprimento e pode pesar pouco mais de 300 gramas. Dorsalmente, o macho é cinza-azulado, inclusive na cabeça, que apresenta um anel branco rodeando o pescoço. Ventralmente é avermelhado, meio cor de ferrugem. As rêmiges e as rectrizes são rajadas de negro e branco em ambos os planos. A fêmea tem basicamente a mesma coloração do macho, diferindo-se no peito, que é cinza-azulado com um contorno branco próximo ao ventre.

É uma espécie comum em todo o Brasil, que pode ser encontrada perto de lagoas e brejos, normalmente se posicionando em árvores ou pedras situadas na margem ou na água.

Quando visualizam o alimento, especialmente peixes, fazem a captura após um voo rasante e retornam ao poleiro para terminar de comer. Além de peixes, podem ingerir também outros pequenos vertebrados bem como artrópodes, especialmente no período chuvoso, quando seus locais de pesca estão mais barrentos e suas presas mais difíceis de serem vistas. Para nidificação, escolhem barrancos. O ninho é construído pelo casal dentro de um túnel que pode ter mais de um metro de comprimento. A fêmea realiza a postura de dois a seis ovos, que são incubados também pelo macho durante um período em torno de três semanas. Desde o nascimento, são mais cinco semanas até os filhotes poderem abandonar o ninho.



PICA-PAU-BRANCO

Nome científico: *Melanerpes candidus* (Otto, 1796)

Ave



O pica-pau-branco é uma bela ave, que mede até 30 centímetros de comprimento e pesa pouco mais de 100 gramas. Seu corpo é branco e apresenta as asas e a cauda recobertas por penas escuras, marrons e negras. Ao redor dos olhos exibe um amarelo bem forte e, logo abaixo, uma linha negra segue do bico, também negro, por toda a lateral da cabeça e se conecta às asas. Os machos exibem uma coloração amarelada na parte baixa do ventre e na nuca.

Essas aves são encontradas praticamente em todo o Brasil, mas preferem áreas mais abertas.

Vivem em grupos que podem chegar a 20 indivíduos. São diurnos e alimentam-se tanto de frutos como também de insetos e suas larvas, atacando colmeias e ninhos de marimbondo, predando esses insetos.

Constroem seu ninho escavando o tronco de árvores. A fêmea deposita três ou quatro ovos e, após o nascimento, os filhotes são cuidados por pouco mais de um mês, quando então deixam o ninho.



Fábio Moraes Giordano



Rodrigo Quadros

QUERO-QUERO

Nome científico: *Vanellus chilensis* (Molina, 1782)

Ave



Ave de médio porte, o quero-quero atinge até 40 centímetros de comprimento e quase 300 gramas de peso. A coloração dorsal é cinza, com alguns tons mais amarronzados, especialmente nas asas. O ventre é branco e, mais acima, no peito, há uma mancha negra, que vai se afinando e se estendendo pela garganta até chegar à frente. Possui um penacho escuro atrás da cabeça. As pernas e a região ao redor dos olhos são avermelhadas. O bico também é avermelhado, mas tem a ponta enegrecida.

É uma ave bastante comum no Brasil, vivendo frequentemente em grandes bandos, ocupando pastagens, campos e regiões brejosas. Extremamente territorial e agressiva, ao notar um invasor, que pode ser qualquer outra espécie, incluindo humanos, dá um canto de alerta e em seguida investe contra a ameaça utilizando um esporão ósseo que possui nas asas.

Essas aves alimentam-se de peixes e de invertebrados que capturam. Reproduzem-se na primavera, os ovos são postos no chão e os filhotes saem do ninho logo ao nascer, pois possuem uma coloração bem camuflada.

Os adultos, para distrair os predadores, fingem-se de feridos e os atraem para longe dos ovos ou filhotes.



SABIÁ-LARANJEIRA

Nome científico: *Turdus rufigiventris* (Vieillot, 1818)

Ave



O sabiá-laranjeira é oficialmente um dos símbolos do país. É uma pequena ave, que pode atingir até 25 centímetros e pesar 80 gramas. Sua coloração é pardacenta, com o ventre alaranjado e o bico amarelo escuro.



É um pássaro bastante apreciado por seu canto, que ocorre geralmente ao amanhecer e à tarde, cuja função é atrair as fêmeas e demarcar seu território.



Sua área de distribuição no Brasil é ampla, aparecendo em todas as regiões do País, exceto no Norte. Vive em áreas abertas, na proximidade de matas, preferindo suas bordas. Tem boa adaptação ao ambiente urbano.

É onívoro, alimentando-se de insetos, suas larvas e de outros invertebrados, além de frutos e sementes. Desempenha importante papel na dispersão de sementes.

Pode ser visto durante o dia, solitário ou aos pares, e é bastante territorialista. Reproduz-se durante o período chuvoso. O ninho é construído com gravetos conectados com lama, em árvores com muita folhagem ou até mesmo em construções humanas, sendo forrado internamente com material vegetal mais macio. A fêmea realiza até três posturas por ano e, em cada uma, bota de três a quatro ovos. O tempo de incubação dura em torno de 13 dias, com o casal se revezando no cuidado com os filhotes.



SAÍRA-DE-CHAPÉU-PRETO

Nome científico: *Nemosia pileata* (Boddaert, 1783)

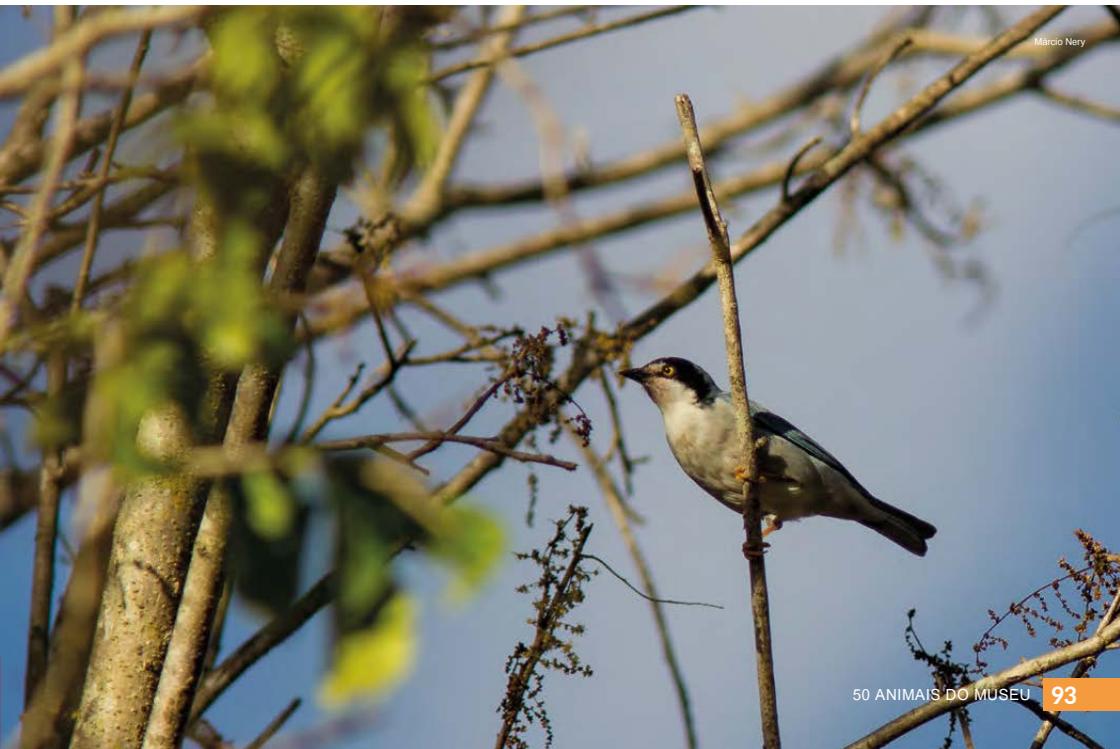
Ave



A saíra-de-chapéu-preto é um pequeno e belo pássaro. Tem aproximadamente 13 centímetros de comprimento e pesa em torno de 14 gramas. A coloração ventral da fêmea oscila entre o cinza claro e o branco, estendendo-se até o bico, que é claro na parte inferior. O dorso é cinza mais escuro, com muitos tons azulados e algumas penas pretas nas asas. O macho tem cores bem mais vivas, sendo levemente mais escuro na parte ventral, com o dorso das asas em tons de azul. Além disso, possui uma faixa negra, semelhante a uma máscara, que se inicia no bico e segue até atrás e no alto da cabeça, cobrindo os olhos e contrastando com o amarelo forte destes.

Pode ser visto em todo Brasil, mas pela sua preferência por vegetações mais abertas, na Amazônia é mais frequente em áreas savânicas.

É diurno e normalmente visto aos pares. Alimenta-se de frutos e eventualmente de algum inseto.



SAÍRA-SETE-CORES

Nome científico: *Tangara seledon* (Muller, 1776)

Ave



A saíra-sete-cores é uma das aves mais bonitas do Brasil. Tem cerca de 13 centímetros de comprimento e pesa em torno de 14 gramas. Como o próprio nome indica, este pássaro é extremamente colorido. A cabeça e o peito apresentam uma coloração azul-turquesa, mas são separados por uma mancha negra. O pescoço é rodeado por penas com uma coloração entre o verde e o amarelo. As asas apresentam penas azul-violeta, verdes e negras, sendo o dorso, entre elas, marcado com um amarelo muito forte, às vezes meio alaranjado. O ventre é verde e, mais próximo à cauda, torna-se mais amarelado. A cauda apresenta penas negras, verdes e azuis.

Sua área de distribuição abrange a região da Mata Atlântica, do Estado da Bahia ao Rio Grande do Sul.

É uma ave muito ativa, que forrageia em pares ou grupos, no alto das árvores, à procura principalmente de frutos, embora também se alimente de insetos. Reproduz-se no período chuvoso. O ninho é construído bem escondido no alto das árvores. São postos entre dois e quatro ovos, que são incubados por um tempo que varia entre duas e três semanas. Após o nascimento, os filhotes permanecem no ninho por até três semanas, mas ainda são alimentados pelos pais por algumas semanas e podem acompanhá-los por mais alguns meses.



Fabio Morais Giordano



Rodrigo Quadros



SARACURA

Nome científico: *Aramides* sp.

Ave



A saracura é uma ave pequena, que atinge até 40 centímetros de comprimento e pesa em torno de 500 gramas. No MHNJB, são encontradas duas espécies: a Saracura-do-mato – *Aramides saracura* (Spix, 1825) e a Saracura-três-potes – *Aramides cajaneus* (Muller, 1776). As duas espécies são semelhantes. Apresentam a íris vermelha, as pernas alaranjadas e o bico amarelo esverdeado. Na saracura-do-mato, a coloração castanho-esverdeada ocupa todo o plano dorsal, seguindo pela nuca até atrás da cabeça. O ventre é cinza-azulado e essa tonalidade segue pela parte ventral do pescoço até a face. Na saracura-três-potes, as cores das penas são basicamente as mesmas, porém distribuídas de formas diferentes, ficando o cinza-azulado na face e restrita a todo o pescoço, enquanto o castanho-esverdeado do dorso segue também pelo ventre.

Quanto à distribuição das espécies, a saracura-três-potes pode ser encontrada em todos os Estados brasileiros; já a saracura-do-mato está restrita ao Sudeste e ao Sul do País.

São espécies diurnas, que vivem em áreas pantanosas, próximas às matas.

Alimentam-se tanto de sementes como de pequenos animais terrestres ou aquáticos, como peixes, anfíbios, répteis, insetos, crustáceos e minhocas. Suas pernas longas facilitam a locomoção pelos dois ambientes.

Os ovos das saracuras são postos próximos à água, em meio à vegetação densa. São em média quatro ovos por postura, e os filhotes podem ser vistos seguindo os pais.



TUCANO-TOCO, TUCANUÇU

Nome científico: *Ramphastos toco* (Muller, 1776)

Ave



O tucano-toco é a maior espécie de tucano, podendo ultrapassar 50 centímetros de comprimento e meio quilo.



É uma espécie inconfundível devido à presença de um enorme bico amarelo-alaranjado com uma mancha negra na ponta. Apesar da aparência, o bico é leve e utilizado para apanhar os frutos, insetos, ovos e filhotes de outras aves, dos quais se alimenta. O bico é também bastante cortante, sendo assim utilizado para defesa.



O corpo do tucano é majoritariamente negro, com manchas brancas no peito, na região da garganta e na base dorsal da cauda. Esta apresenta uma mancha vermelha na parte inferior. As pálpebras são azuis e em torno delas há uma mancha laranja.

A espécie ocorre em quase todo o Brasil, com exceção do leste da região Nordeste e do extremo oeste da Amazônia.

Vistos em atividade diurna, em pares ou bando, são muitas vezes perseguidos por outras aves que vêm em defesa dos filhotes.

O tucano-toco recebe este nome por utilizar tocos de árvores para se reproduzir. Apesar disso, pode utilizar também buracos em cupinzeiros ou em barrancos. São postos dois a quatro ovos, que são incubados por um período entre duas e três semanas.



TRINCA-FERRO

Nome científico: *Saltator similis* (Orbigny & Lafresnaye, 1837)

Ave



O trinca-ferro é um pássaro que tem em torno de 20 centímetros e é bastante apreciado por seu canto. A sua coloração é quase que inteiramente em tons de cinza, sendo mais escuro na cabeça e nas retrizes. Algumas vezes tem o peito e o ventre mais acastanhado ou o dorso esverdeado. Possui uma listra branca, que parte da narina e segue sobre os olhos até atrás da cabeça, exibindo um aspecto de sobrelanceias.

É uma ave comum no Brasil, mas restrita às áreas fora da região amazônica. Tem preferência por ambientes abertos associados às matas, como suas bordas. Alimenta-se tanto de frutos e sementes como também de insetos. Reproduz-se em ninho construído a poucos metros do chão, onde a fêmea deposita dois ou três ovos. Durante esse período é territorialista e, enquanto incuba os ovos, a fêmea é alimentada pelo macho.



URUBU-DE-CABEÇA-PRETA

Nome científico: *Coragyps atratus* (Bechstein, 1793)

Ave



O urubu-de-cabeça-preta é a uma ave bem comum e de grande tamanho. Nessa espécie, a fêmea é maior que o macho e pode atingir até 70 centímetros de altura e quase dois metros de envergadura. Pode chegar a pesar até três quilogramas. O corpo dos adultos é inteiramente negro, com algumas penas das asas brancas. Já os filhotes, ao nascerem, apresentam a pele negra, mas são cobertos por uma penugem inteiramente branca.

Pode ser encontrado em todo o Brasil. É diurno e passa por longos períodos em voo a grande altitude, procurando o alimento que é capaz de localizar com sua excelente visão.

Essas aves alimentam-se de animais mortos e por isso desempenham um papel muito importante na limpeza do ambiente. Além de carniça, podem ingerir também animais vivos, mas que não tenham habilidade para fugir. Essa espécie já foi observada alimentando-se de parasitas externos, como carrapatos de outras aves. Para reprodução, utilizam ocos em árvores como sítios para construção do ninho. Podem utilizar também lugares altos, em meio a pedras ou construções humanas. Botam dois ovos por vez.



CAXINGUELÊ, SERELEPE, ESQUILO

Nome científico: *Guerlinguetus ingrami* (Thomas, 1901)

Mamífero - Roedor



O caxinguelê é um pequeno esquilo que mede, quando adulto, entre 30 e 45 centímetros de comprimento, incluindo a cauda. Sua pelagem é longa e de aparência bastante crespa, de **coloração olivácea** ou cinza-olivácea, dorsalmente. O ventre tem coloração bastante variável, sendo alaranjado, castanho ou amarelado. A cauda é longa e bastante felpuda, com a mesma coloração do dorso, apresentando, entretanto, as extremidades dos pelos escuras. Como é um roedor, apresenta incisivos capazes de quebrar e roer as cascas mais resistentes.



O caxinguelê aparece em áreas de Mata Atlântica e Cerrado, desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul. Embora habite os estratos baixos e intermediários da mata, desloca-se e forrageia pelo chão. Apresenta hábitos diurnos e alimenta-se de frutos e sementes.



CUTIA

Nome científico: *Dasyprocta prymnolopha* (Wagler, 1831)

Mamífero - Roedor



A cutia é um roedor médio, com peso máximo registrado em torno de oito quilos. Seu corpo é bastante recurvado e recoberto por uma pelagem crespa, em geral castanho-avermelhada, com uma mancha mais escura na segunda metade do dorso. Como outros roedores, apresenta longos dentes incisivos, que crescem por toda a vida e são utilizados para roer sementes e suas cascas. É diurna, terrestre e possui longas pernas, as quais utiliza para fuga em velocidade e sobre as quais se apoia para se alimentar, manuseando o alimento com suas patas dianteiras.

Apresenta ampla distribuição no Nordeste do Brasil, ocupando áreas de Cerrado, Caatinga e provavelmente Mata Atlântica, normalmente em vegetação **ripária**, próxima a cursos d'água. Em Minas Gerais, aparece naturalmente em poucos municípios no norte do Estado.

Alimenta-se de frutos, folhas e sementes. Como tem o hábito de enterrar o excedente de alimento nas épocas de abundância para se alimentar na época de escassez, a cutia desempenha um importante papel como dispersora de sementes. Como o MHNJB não se situa na área de distribuição natural da espécie, acredita-se que esta espécie tenha sido introduzida, mas esse processo é pouco documentado.



GAMBÁ-DE-ORELHA-BRANCA, SARUÊ

Nome científico: *Didelphis albiventris* (Lund, 1840)

Mamífero - Marsupial



O gambá-de-orelha-branca é um mamífero de médio porte que pode atingir até 1,30 metro de comprimento, incluindo a cauda, e chega a pesar cerca de três quilogramas. Sua coloração geral é acinzentada devido à mistura dos pelos brancos e negros. A cara é branca, com três listras negras, duas sobre os olhos e a terceira origina-se entre os olhos e segue pelo alto da cabeça. Os membros são negros e na **cauda preênsil**, a pelagem é bastante reduzida. As orelhas têm as bases negras, mas o restante é branco.

Distribui-se pelos biomas brasileiros ao sul da Amazônia e só não ocorre em algumas áreas de Mata Atlântica. Adapta-se com facilidade a ambientes modificados pela ação humana e a áreas urbanas.

Os gambás são animais que têm uma vida majoritariamente arbórea, de hábitos noturnos e solitários. Onívoros, consomem tanto frutas como insetos e pequenos vertebrados.

São marsupiais, assim como os cangurus. Após o nascimento, os filhotes, que são muito pequenos, instalam-se em uma bolsa denominada marsúpio e terminam lá seu desenvolvimento, que pode demorar mais quatro meses. Nesse período, são amamentados e carregados pela mãe por toda parte, até quando estão grandes o suficiente para descer e seguir seu caminho.



MORCEGO

Nome científico: *Artibeus lituratus* (Olfers, 1818)

Mamífero - Quiróptero



O *Artibeus lituratus* é uma espécie de morcego que mede em torno de 10 centímetros de comprimento, tem aproximadamente 75 centímetros entre as pontas das asas, e pesa em torno de 75 gramas. Sua coloração é marrom, mas apresenta duas faixas brancas na face, que se originam após seu focinho em forma de folha e estendem-se por sobre os olhos.

É uma espécie extremamente comum no Brasil, tendo sido encontrada em altas densidades em quase todos os Estados brasileiros, tanto em ambientes silvestres quanto urbanos.

Esses morcegos abrigam-se na copa das árvores, durante o dia, em grupos chamados poligínicos, compostos por um único macho e algumas fêmeas, e à noite saem à procura de alimento. Embora seja uma espécie primariamente frugívora, sua dieta inclui também flores, folhas e alguns insetos.

O período reprodutivo é bastante variável, mas normalmente podem reproduzir-se até duas vezes no ano, dando à luz um ou dois filhotes em cada uma das gestações.



MICO-ESTRELA

Nome científico: *Callithrix penicillata* (Geoffroy, 1812)

Mamífero - Primata



O mico-estrela é um primata pequeno, que chega a pesar entre 300 e 450 gramas e a medir cerca de 50 centímetros de comprimento, sendo que metade do seu comprimento corresponde à cauda. Sua coloração é estriada de cinza e preto no dorso e cauda. Apresenta uma mancha branca na testa e ornamentos pilosos negros nas orelhas.



Esses primatas eram originalmente encontrados em áreas de Cerrado e Caatinga dos Estados de Minas Gerais, Bahia, Goiás, Tocantins, Piauí e São Paulo. Devido à sua facilidade de adaptação a ambientes antropizados, têm ocupado áreas de Mata Atlântica em que vivem outras espécies de micos já ameaçadas com a ocupação humana, piorando a situação. Isso se agrava ainda mais quando os micos-estrela recebem alimentação dos seres humanos, o que pode levar ao aumento da população dessa espécie, prejudicando as demais. São animais arborícolas que se locomovem especialmente por saltos entre as árvores.

Alimentam-se de frutos, flores, resinas, sementes e mel, bem como de pequenos animais como insetos, lagartos, anfíbios, filhotes de aves e ovos.

Seu tempo de gestação é de até 5 meses e as fêmeas têm dois filhotes por temporada reprodutiva.



MACACO-PREGO

Nome científico: *Sapajus nigritus* (Goldfuss, 1809)

Mamífero - Primata



O macaco-prego é um primata de tamanho médio. As fêmeas podem chegar a pesar 2,6 quilos, enquanto os machos podem atingir até 3,3 quilos. Seu comprimento, considerando a cauda, ultrapassa os 90 centímetros. O padrão de coloração é variável, podendo ser pardo com enegrecimentos da pelagem nos membros, cauda e ao redor da cabeça, especialmente no topo, que pode apresentar um agrupamento denso de pelos mais longos e eriçados, denominado capuz. Em alguns indivíduos, o corpo quase todo é recoberto por essa pelagem enegrecida.

Esses primatas vivem em grupos de 6 a 30 indivíduos, em áreas de Mata Atlântica, nos Estados do Sudeste e do Sul do Brasil. Movimentam-se quase sempre entre os galhos, mas podem por vezes descer ao chão. São majoritariamente diurnos e onívoros, alimentando-se de frutos, folhas, sementes, além de insetos, ovos de aves e outros vertebrados, inclusive outros mamíferos. Dão à luz apenas um único filhote a cada dois anos, após uma gestação de aproximadamente cinco meses.

Por serem oportunistas, têm facilidade em se adaptar a ambientes frequentados por humanos, aproximando-se dos mesmos atrás de comida. Vale salientar que não deve ser oferecido nenhum alimento a esses animais, devendo ser evitado qualquer tipo de contato com eles, pois esses primatas tanto podem adquirir doenças humanas como podem ser transmissores de doenças às pessoas.



GLOSSÁRIO

Antropizado – ambiente cujas características originais foram alteradas pela ação do ser humano.

Aposemática – padrão de coloração ou de forma que tem como objetivo informar aos inimigos naturais o potencial de defesa da presa. Essas espécies revelam cores vivas e marcantes, como forma de advertir seus possíveis predadores de seu gosto ruim ou venenos que possui.

Artrópode – animal pertencente ao ramo dos invertebrados cujos membros são articulados e o corpo dividido em segmentos.

Barbela – apêndice carnoso pendente sob o bico de algumas aves ou sob o pescoço de alguns lagartos.

Barbilhão – filamentos com função olfativa que saem dos lados da boca de alguns peixes.

Biodiversidade – conjunto de espécies de seres vivos existentes em uma determinada região ou época.

Cauda preênsil – cauda que pode segurar ou se agarrar a alguma coisa.

Cefalotórax – conjunto formado pelo cabeça e tórax em alguns artrópodes.

Coloração olivácea – da cor da azeitona.

Congêner – que é do mesmo gênero.

Criptozoico – que vive escondido, que evita a luz.

Detritívoro – aquele se alimenta de restos animais ou vegetais, muitas vezes agindo propiciamente para o saneamento do ecossistema em que vive.

Difração – desvio sofrido por ondas ao passarem por um obstáculo, tal como as bordas de uma fenda em um anteparo.

Ferrugíneo – da cor da ferrugem.

Flanco – face lateral do tórax e do abdômen.

Forragear – ato de procurar alimentos.

Fossorial – animal adaptado para escavar o solo ou que vive abaixo do nível do solo.

Frugívoro – animal que se alimenta predominantemente de frutas.

Gimnotalmídeos – lagartos da família *Gymnophthalmidae*, que é composta em sua maioria por espécies pequenas e de corpo alongado, com membros curtos, cauda muito comprida e pálpebras transparentes.

Heliófilo – que gosta da luz do sol.

Herbívoro – animal que se alimenta predominantemente de vegetais

Heterotrófico – ser vivo que não possui capacidade de produzir seu alimento e por isso se alimenta a partir dos outros organismos ou substâncias fornecidas pelo meio ambiente para sobreviver.

Impalatável – desagradável ao paladar.

Intempérie – mau tempo ou tempestade.

Íris – parte mais visível e colorida do olho de vertebrados, que tem como função controlar os níveis de luz, assim como faz o diafragma de uma câmera fotográfica.

Língua bífida – língua bifurcada, comum nos répteis.

Mimetismo – adaptação na qual um organismo possui características que o confundem com um indivíduo de outra espécie.

Necrófago – aquele que se alimenta de animais mortos.

Neotropical – região biogeográfica que compreende a América Central, incluindo a parte sul do México e da península da Baja Califórnia, o sul da Flórida, todas as ilhas do Caribe e a América do Sul.

Nidificar – ação de alguma espécie de animal construir seu ninho.

Onívoro – grupo de organismos vivos que consegue consumir e metabolizar alimentos tanto de origem animal como de vegetal

Ovíparo – animais cujo embrião se desenvolve dentro de um ovo em ambiente externo sem ligação com o corpo da mãe.

Ovovivíparo – animais cujo embrião se desenvolve dentro de um ovo alojado dentro do corpo da mãe. O ovo recebe assim proteção, mas o embrião desenvolve-se a partir do material nutritivo existente dentro do ovo.

Peçonha – substância de origem estritamente animal, produzida por uma glândula, capaz de alterar o metabolismo de outro animal quando inoculada através de um aparato natural do animal (espinhos, dentes e outros).

Planador – aquele que voa sem mover as asas

Plastrão – escudo ventral presente nos quelônios.

Postura – ato de pôr ovos.

Prenhe – que está em período de gestação.

Psitacídeos – aves da família Psittacidae, na qual estão incluídos araras, jandaias, periquitos, papagaios, maracanãs e apuins.

Quelíceras – primeiro par de apêndices articulados do corpo de um aracnídeo, próximo à boca, com várias funções como inocular veneno, manipular, rasgar e triturar alimentos, carregar ovos ou até cavar buracos.

Rectriz – cada da uma das penas da cauda das aves, próprias para dirigirem o voo.

Rêmige – cada uma das grandes penas de voo da asa de uma ave.

Ripário – próximo à margem do rio.

Rostral – região do focinho, bico ou boca.

Teia orbicular – teia com trama em estilo circular, estruturada em torno de eixos radiais.

Testudíneos – grupo de répteis que reúne as tartarugas, jabutis e cágados.

Touceira – conjunto de plantas da mesma espécie que nascem muito próximas entre si, formando um tufo espesso.

Vestigial – quando um órgão ou estrutura é atrofiado, apresentando pouca ou nenhuma função.

Vivíparo – animais cujo embrião se desenvolve dentro do corpo da mãe, numa placenta que lhe fornece nutrientes necessários ao seu desenvolvimento e retira os produtos de excreção.

Zooplâncton – organismos aquáticos heterotróficos que vivem em conjunto na coluna superficial da água, seja de rios, lagos ou no oceano. Normalmente apresentam pouca capacidade locomotora, sendo arrastados pelas correntes oceânicas ou pela vazão de um rio.

REFERÊNCIAS

- ABRAS, MARIA EUGÊNIA OLIVEIRA & CARDOSO, CLAUDIA CRISTINA. Memória do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG. Coordenação Setor de Museologia/MHNB. Belo Horizonte/MG, 2000. Trabalho não publicado.
- ANDRADE, Gilda Vanconcellos de. **A história de vida de *Physalaemus cuvieri* (Anura: Leptodactylidae) em um ambiente temporário**. 1995. 176f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/316302>>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- ANDRADE, Rogério de Oliveira; SILVANO, Renato A. Matias. Comportamento alimentar e dieta da “falsa-coral” *Oxyrhopus guibei* Hoge & Romano (Serpentes, Colubridae). **Revista Brasileira de Zoologia**, Curitiba, v. 13, n. 1, p. 143-150, 1996 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-81751996000100014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 16 ago. 2019. <<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-81751996000100014>>.
- AWAYA, R. J., MARQUES, O. A. V., & MARTINS, M. (2008). Composição e história natural das serpentes de Cerrado de Itirapina, São Paulo, Sudeste do Brasil. **Biota Neotropica**, 8(2), 127-149.
- BARNES, R. D. & RUPPERT, E. **Zoologia dos Invertebrados**. 6 ed. São Paulo: Editora Roca, 1996.
- BARTOLETI, LUIZ FILIPE DE MACEDO. **Variabilidade genética e filogeografia de *Nephila clavipes* (Araneae: Nephilidae)**. 2013. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/316393>>. Acesso em: 20 jul. 2018.
- BORGES-MARTINS, M.; P. CoLOMBO; C. ZANK; F. G. BECKER & M. T. Q. MELO. Anfíbios. p. 276-291. In: BECKER, F.G.; R.A. RAMOS & L.A. MOURA (orgs.). **Biodiversidade: Regiões da Lagoa do Casamento e dos Butiazais de Tapes, Planície Costeira do Rio Grande do Sul**. Ministério do Meio Ambiente, Brasília. 2007. 385 p.
- CAROLINO, Daniel Michiute. **Diferenciação geográfica de *Ecleopopus gaudichaudii* (Squamata, Gymnophthalmidae) baseada em caracteres morfológicos e moleculares, e considerações sobre a descrição osteológica**. 2010. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. doi:10.11606/D.41.2010.tde-07122010-153331. Acesso em: 20 jul. 2019.

CHRISTENSON, T. E., & WENZL, P. A. Egg-laying of the golden silk spider, *Nephila clavipes* L. (Araneae, Araneidae): functional analysis of the egg sac. *Animal Behaviour*, 28(4), 1110-1118, 1980.

COLLI, G. R., & ZAMBONI, D. S. (1999). **Ecology of the worm-lizard ONCISTRÉ, M. Filogeografia de *Tropidurus torquatus* Wied, 1820 (Squamata: Tropiduridae) com base em marcadores mitocondriais e nucleares.** 2012. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <doi:10.11606/D.41.2013.tde-01052013-161601>. Acesso em: 24 abr. 2019.

DE FARIA, M. L., & De Prado, P. I. L. (1994). Estrutura e dinâmica de uma população de larvas de *Myrmeleon uniformis* (Neuroptera: Myrmeleontidae). *Revista Brasileira de Biologia*, 54, 335-344.

EISEMBERG, C. C., CASSIMIRO, J., & BERTOLUCI, J. A. (2004). Notes on the diet the rare gymnophthalmid lizard *Eubleopis gaudichaudii* from southeastern Brazil. *Herpetological Review*, 35(4), 336-337.

FAUNA DIGITAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Gambá: *Didelphis albiventris*.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/faunadigitalrs/mamiferos/ordemdidelphimorphia/familiadidelphidae/gamba-didelphis-albiventris/>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

FERREIRA JUNIOR, Paulo D. et al. Nesting of *Phrynops geoffroanus* (Testudines: Chelidae) on sandy beaches along the Upper Xingu River, Brazil. *Zoologia (Curitiba, Impr.)*, Curitiba, v. 28, n. 5, p. 571-576, Oct. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-46702011000500004&lng=en&nrn=iso>. Acesso em: 16 ago. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-46702011000500004>.

FILHO, J. H. O.; FREITAS, B. M. Colonização e biologia reprodutiva de mamangavas (*Xylocopa frontalis*) em um modelo de ninho racional. *Cienc. Rural* [online]. 2003, vol. 33, n. 4 [cited 2019-05-16], pp.693-697. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84782003000400017&lng=en&nrn=iso>. ISSN 0103-8478. Acesso em: 24 abr. 2019.

FONSECA, M. G., MOREIRA, W. M. Q., & CARDOSO, J. I. M. Considerações sobre a Ovipostura e Ooteca em *Phoneutria nigriventer* Keyserling, 1891 (Araneae: Ctenidae). *Revista Fafibe on-line*. 2006, vol 2, n.2. Disponível em: <<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/10/19042010091618.pdf>>. Acesso em: 20 jul. 2019.

FREIRE, G., NASCIMENTO, A. R., MALINOV, I. K., & DINIZ, I. R. (2014). Temporal occurrence of two *Morpho* butterflies (Lepidoptera: Nymphalidae): influence of weather and food resources. *Environmental entomology*, 43(2), 274-282.

FRIOL, Natália Rizzo. **Filogenia e evolução das espécies do gênero *Phrynops* (Testudines, Chelidae).** 2014. Dissertação (Mestrado em Zoologia) - Instituto de Biociências, Université de São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.41.2014.tde-09032015-083240. Acesso em: 20 jul. 2019.

LACERDA, Patrícia Oliveira. **Modelagem da distribuição geográfica atual e futura de *Guerlinguetus* (Rodentia, Sciuridae) no Brasil**. 2013. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Espírito Santo. Disponível em: < <http://repositorio.ufes.br/handle/10/1461> > Acesso em 20 jul. 2019.

LEIVAS, P. T., LEIVAS, F. W. T., & CAMPIÃO, K. M. (2018). Diet and parasites of the anuran *Physalaemus cuvieri* Fitzinger, 1826 (Anura: Leiuperidae) from an Atlantic Forest fragment. **Herpetology Notes**, 11, 109-113.

LIMA, T. D. N., & FARIA, R. R. (2007). Seleção de micro-habitat por larvas de formiga-leão *Myrmeleon brasiliensis* (Návas) (Neuroptera, Myrmeleontidae), em uma Reserva Florestal, Aquidauana, Mato Grosso do Sul. **Neotropical Entomology**, 36(5), 812-814.

LOURENÇO, Victor Toni. **Defesa de territórios de acasalamento por machos da estaladeira-vermelha, *Hamadryas amphinome* (Lepidoptera: Nymphalidae), uma borboleta neotropical**. 2015. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Biologia, São Paulo. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/316309> >. Acesso em 20. Jul2019.

MAIA, Thiago et al . Diet of the lizard *Ecleopus gaudichaudii* (Gymnophthalmidae) in Atlantic Rainforest, state of Rio de Janeiro, Brazil. **Zoologia (Curitiba, Impr.)**, Curitiba, v. 28, n. 5, p. 587-592, Oct. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-46702011000500006&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 20 Jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-46702011000500006>.

MARCHI, P., SANTOS, I. Alves dos. As abelhas do gênero *Xylocopa* Latreille (Xylocopini, Apidae) do Estado de São Paulo, Brasil. **Biota Neotrop.** Campinas, v. 13, n. 2, p. 249-269, junho de 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S167606032013000200249&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 17 mai. 2019.

MARQUES, O., & PIZZATTO, L. (2002). Reproductive biology of the false coral snake *Oxyrhopus guibei* (Colubridae) from southeastern Brazil. **Amphibia-Reptilia**, 23(4), 495-504. Disponível em: < <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/70948/1/WOS000180704100009.pdf> >. Acessado em 20 Jul. 2019

MARSHALL, M. 2018. Lemurs self-medicate by rubbing toxic millipedes over their bottoms. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S1676-06032013000200025https://www.newscientist.com/article/2175644-lemurself-medicate-by-rubbing-toxic-millipedes-over-their-bottoms/>>. Acesso em: 24 fev. 2019.

MARTINS, R., & BERTANI, R. (2007). The non-Amazonian species of the Brazilian wandering spiders of the genus *Phoneutria* Perty, 1833 (Araneae: Ctenidae), with the description of a new species. **Zootaxa**, 1526(1), 1-36.

MESQUITA, P. C. M. D., PASSOS, D. C., BORGES-NOJOSA, D. M., & CECHIN, S. Z. (2013). Ecologia e história natural das serpentes de uma área de Caatinga no Nordeste brasileiro. *Papéis Avulsos de Zoologia*, 53(8).

MISSIRIAN, G. L., UCHÔA-FERNANDES, M. A., & FISCHER, E. (2006). Development of *Myrmeleon brasiliensis* (Navás) (Neuroptera, Myrmeleontidae), in laboratory, with different natural diets. *Revista Brasileira de Zoologia*, 23(4), 1044-1050.

MARTINS, W. P.; MIRANDA, J. M. D.; ALFARO, J. W. L. ALONSO, A. C.; LUDWIG, G.; MARTINS, J. N. 2015. **Avaliação do Risco de Extinção de *Sapajus nigritus cucullatus* (Spix, 1823) no Brasil. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira.** ICMBio. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-de-conservacao/7275-mamiferos-sapajusnigritus-cucullatus-macaco-prego.html>> Oficina de Avaliação do Estado de Conservação de Primatas Brasileiros. Acesso em 24 abr. 2019.

MUSEU VIRTUAL DO CERRADO. 2014. Calango-liso: *Notomabuya frenata*. Disponível em: <<http://www.mvc.unb.br/pesquisa/especies/conheca-as-especies/jag/42-mabuyidae/112-calango-liso-notomabuya-frenata>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

NARDIN, JANAÍNA DE. **Reconhecimento de parentesco em *Heliconius erato phyllis*: abordagens genética e química.** 2016. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Biociências. Programa de Pós-Graduação em Genética e Biologia Molecular. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/143846>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

OLIVEIRA, T. D., REIS, A. C., GUEDES, C. O., SALES, M. L., BRAGA, E. P., RATTON, T. F., & MAGALHÃES, A. L. B. (2014). Establishment of nonnative guppy *Poecilia reticulata* (Peters, 1859) (Cyprinodontiformes: Poeciliidae) in an municipal park located in Minas Gerais State, Brazil. *Pan-American Journal of Aquatic Sciences*, 9(1), 21-30.

ORSINI, VINÍCIUS SANTANA. **Dieta de *Dasyprocta prymnolopha* na área do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais.** 2011. Monografia. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto de Ciências Biológicas e da Saúde, Belo Horizonte.

PINTO, H. A., & MELO, A. L. (2012). Infecção natural de *Poecilia reticulata* (Actinopterygii: Poeciliidae) por metacercárias na represa da Pampulha, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil. *Boletim do Instituto de Pesca*, 38(3), 257-264.

RAMOS, RENATO ROGNER. **Seleção de planta hospedeira por *Heliconius erato phyllis* (Fabricius, 1775) (Lepidoptera, Nymphalidae, Heliconiini), no SE do Brasil: uso, preferência e desempenho larval.** 2003. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Biologia, São Paulo. Disponível em: <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/315754>>. Acesso em 20. Jul2019.

REIS, NÉLIO REIS; PERACCHI, ADRIANO L.; PEDRO, WAGNER A. & LIMA, ISAAC P. (Editores). **Mamíferos do Brasil**. Londrina. 437p, 2006.

REIS, NÉLIO REIS; PERACCHI, ADRIANO L.; PEDRO, WAGNER A. & LIMA, ISAAC P. (Editores). Morcegos do Brasil. In: **Mamíferos do Brasil**. Londrina. 437p, 2006. Londrina: 253p. 2007.

RÍMOLI, J.; PEREIRA, D. G.; VALLE, R. R. 2015. **Avaliação do Risco de Extinção de *Callithrix penicillata* (É. Geoffroy, 1812) no Brasil. Processo de avaliação do risco de extinção da fauna brasileira. ICMBio**. Disponível em: <<http://www.icmbio.gov.br/portal/biodiversidade/fauna-brasileira/estado-deconservacao/7207-mamiferos-callithrixpenicillata-sagui-de-tufos-pretos.html>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

SANTANA, DIEGO J. **Bicho da Vez nº 07: Sapo-martelo *Hypsiboas faber***. Museu de Zoologia Universidade Federal de Viçosa. Disponível em: <<http://www.museudezoologia.ufv.br/bichodavez/edicao07.htm>> Acesso em: 24 abr. 2019.

SILVA, ANA KRISTINA. **Interação de *Heliconius ethilla narcaea* Godart (Lepidoptera, Nymphalidae, Heliconiinae) com passifloráceas ocorrentes no Rio Grande do Sul**. 2008. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Biociências, Porto Alegre.

SILVA, A. R. M., NUNES, L. P., SANTOS, I. L., FERREIRA, M. M. L. & Beirão, M. V. **Borboletas do Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG: Guia de Bolso**. 44p. 2017.

SILVA, A. R. M., PONTES, D. V., GUIMARÃES, M. P., OLIVEIRA, M. V. D., Assis, L. T. F. D., & UEHARA-PRADO, M. (2015). Fruit-feeding butterflies (Lepidoptera: Nymphalidae) of the Area de Proteção Especial Manancial Mutuca, Nova Lima and Species list for the Region of Belo Horizonte, Minas Gerais, Brazil. **Biota Neotropica**, 15(3).

SILVA, D. C., FAGUNDES, N. C., TEIXEIRA, F. B., da Penha, N. E., SANTANA, L. N., MENDES-OLIVEIRA, A. C., & LIMA, R. R. (2013). Anatomical and histological characteristics of teeth in agouti (*Dasyprocta prymmolopha* Wagler, 1831). **Pesquisa Veterinária Brasileira**, 33, 51-57.

SILVA, E. G. C., DELARIVA, R. L., & de Paiva Affonso, I. (2009). Distribuição espaço-temporal de *Scinax fuscovarius* (Lutz, 1925) (Anura, Hylidae) em Maringá-PR, Brasil. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, 2(3), 431-445.

SOUZA, F. L., & ABE, A. S. (2001). Population structure and reproductive aspects of the freshwater turtle, *Phrynops geoffroanus*, inhabiting an urban river in southeastern Brazil. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**, 36(1), 57-62.

TEIXEIRA, R. L., and M. Giovanelli. Ecology of *Tropidurus torquatus* (Sauria: Tropiduridae) of a sandy coastal plain of Guriri, São Mateus, ES, southeastern Brazil. **Revista Brasileira de Biologia**. 59.1 (1999): 11-18.

VALE, CAROLINE ALMEIDA DO. **Distribuição e potencial de invasão do sagui *Callithrix penicillata* (É. Geoffroy, 1812) no território brasileiro.** 2016. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Biológicas, Juiz de Fora.

VIEIRA, A. G., & OLIVEIRA, L. (2014). Levantamento dos fenótipos de *Sapajus nigrurus* (Goldfuss, 1809) no Parque Ecológico da Cidade da Criança de Presidente Prudente – SP. *Agrarian Academy*, 1(2), 72-91.

VIEIRA, RENATA CARDOSO. **História natural, ecologia populacional e genética de *Salvator merianae* (Dumèril & Bibron, 1839) (Squamata, Teiidae) no sul do Brasil.** 2016. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Biotecnologia, Porto Alegre.

VRCIBRADIC, D., & Rocha, C. F. D. (1998). The ecology of the skink *Mabuya frenata* in an area of rock outcrops in Southeastern Brazil. *Journal of Herpetology*, 229-237.

VRCIBRADIC, DAVOR. **Ecologia de cinco espécies de *Mabuya* (Lacertilia; Scincidae) no Sudeste do Brasil: padrões reprodutivos, térmicos, tróficos e comunidades de nematódeos parasitas Associados.** 2001. Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Biologia, Campinas. Disponível em: <http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_07ef0cd276f08df19a73cc68d47612d7>. Acesso em: 06 jun. 2019

VUKUSIC, P., SAMBLES, J. R., LAWRENCE, C. R., & WOOTTON, R. J. (1999). Quantified interference and diffraction in single *Morpho* butterfly scales. *Proceedings of the Royal Society of London. Series B: Biological Sciences*, 266(1427), 1403-1411.

WIKIAVES (2008). **WikiAves, a Enciclopédia das Aves do Brasil.** Disponível em: <<http://www.wikiaves.com.br/>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

EXECUÇÃO:



UF *m* G

APOIO:



CONSELHO REGIONAL
DE BIOLOGIA 4ª REGIÃO

PRPQ

**PRÓ-REITORIA
DE PESQUISA**

PROEX

**PRÓ-REITORIA
DE EXTENSÃO**



MUSEU DE
HISTÓRIA NATURAL
E JARDIM BOTÂNICO
DA UFMG

WWW.UFMG.BR/MHNJB

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-62164-14-9



9 788562 164149